

# Testemunhos de integração: desafios linguísticos e culturais de um jovem cabo-verdiano em Portugal

---

Maria José Silva Oliveira

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a  
Docência em Educação Pré-Escolar

Maio de 2024

**VERSÃO Definitiva**

ISEC LISBOA | INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Escola de Educação e Desenvolvimento Humano

# Testemunhos de integração: desafios linguísticos e culturais de um jovem cabo-verdiano em Portugal

Autora: Maria José Silva Oliveira

Orientadora: Professora Doutora Ana Boléo

MAIO DE 2024



## **Agradecimentos**

Agradeço, primeiramente, a Deus, por permitir que eu chegasse até aqui e por ter sido o meu guia e consolo nos momentos de aflição. Agradeço por cada dia que pensei em desistir e por ter sempre uma luzinha que me orientou e encorajou.

O meu muito obrigada à minha amada mãe, exemplo de luta, que sempre me apoiou, incentivou e transmitiu paz e sabedoria. Eternamente grata.

À Professora Doutora Ana Boléo, agradeço pela dedicação na orientação desta dissertação, por acreditar em mim e por partilhar os seus conhecimentos comigo, agradeço o rigor e o olhar profissional.

À minha psicóloga, agradeço pela ajuda prestada, pelo apoio e incentivo, pela paciência para ouvir os meus desabafos e pelos estímulos nos momentos de desânimo. O seu apoio foi determinante para o cumprimento dos meus objetivos.

Ao meu namorado, agradeço por me motivar a concluir este trabalho, por compreender os meus momentos de ausência, o tempo que não lhe concedi, pela motivação, pela preocupação nos meus momentos de fadiga e pelo apoio e dedicação oferecidos durante as minhas dificuldades.

Ao participante que prestou a sua contribuição, que nos contou a sua história de vida, a minha enorme gratidão. Obrigada a todos sem os quais não seria possível concretizar esta dissertação, por me terem acompanhado nesta caminhada!

“Não há nada que nos possa fazer sentir tão nós mesmos como a nossa língua materna.

Não há nada que nos possa aproximar mais daqueles de que gostamos, nossos pais, filhos, irmãos, família e amigos do que a nossa língua materna. Não há sonho, desejo ou pensamento mais intrínseco e cúmplice do que aquele que é expresso ou sentido na  
nossa língua”

José Maria Neves, Presidente de Cabo Verde (2022)

## Resumo

A presente investigação incide sobre a forma como as crianças oriundas de Cabo Verde se adaptam ao contexto escolar português, nomeadamente no que se refere ao domínio da língua portuguesa.

Neste sentido, procurou-se analisar as vivências de um jovem cabo-verdiano, imigrante e que foi inserido no 1º ciclo, sem dominar a língua portuguesa, bem como os fatores que identifica como protetores e de risco, na fase de adaptação.

Para a coleta de dados, utilizou-se o método *Storytelling*, que permite ao participante narrar a sua experiência e as emoções associadas a esse período de adaptação. No mesmo sentido, foi permitido ao participante narrar a história na sua língua materna, o crioulo, o que proporciona um relato mais autêntico e confortável.

Apesar de atualmente dominar a língua, o participante revelou desconforto em falar português, pois é no crioulo que encontra a sua identidade linguística e cultural.

Durante a investigação, foram identificadas pessoas e atitudes que contribuíram para a integração tanto na cultura quanto no sistema de ensino. Professores que adotaram uma abordagem acolhedora e colegas que demonstraram empatia e amizade foram fatores protetores importantes. Em contraste, situações que provocaram sentimentos de não pertença e inferioridade, como preconceito linguístico e culturais, foram identificados como fatores de risco.

Embora o número de crianças oriundas de Cabo Verde esteja a diminuir e, atualmente, as crianças descendentes de cabo-verdianos sejam de segunda ou terceira geração, isto é, já nascidas em Portugal, a influência do crioulo continua muito marcada nos contextos informais, nas relações familiares, na comunidade e na transmissão oral da cultura.

Assim, o imperativo de uma escola intercultural que, não só respeite e valorize, mas também que promova o conhecimento da língua e cultura dos alunos. Este continua a ser um dos objetivos a atingir no contexto educacional.

Palavras-Chave: Cabo Verde, Língua materna, Identidade cultural e linguística, Educação intercultural

## **Abstract**

This research focuses on how children from Cape Verde adapt to the Portuguese school environment, particularly in terms of mastering the Portuguese language.

In this sense, we sought to analyze the experiences of a young Cape Verdean immigrant who was placed in the 1st cycle without mastering the Portuguese language, as well as the factors he identifies as protective and risk factors in the adaptation phase.

For data collection, the Storytelling method was used, which allows the participant to narrate their experience and the emotions associated with this period of adaptation. In the same vein, the participant was allowed to tell the story in their mother tongue - Creole, which provides a more authentic and comfortable account.

Despite currently mastering the language, the participant revealed his discomfort with speaking Portuguese, as it is in Creole that he finds his linguistic and cultural identity.

During the research, people and attitudes were identified that contributed to integration into both the culture and the education system. Teachers who adopt a welcoming approach and colleagues who show empathy and friendship were important protective factors. In contrast, situations that provoke feelings of non-belonging and inferiority, such as linguistic and cultural prejudice, were identified as risk factors.

Although the number of children from Cape Verde is decreasing and nowadays children of Cape Verdean descent are second or third generation, i.e. born in Portugal, the influence of Creole is still very strong in informal contexts, in family relationships, in the community and in the oral transmission of culture.

Hence the need for an intercultural school that not only respects and values Creole, but also promotes students' knowledge of the language and culture. This remains one of the objectives to be achieved in the educational context.

**Keywords:** Cape Verde, Mother tongue, Cultural and linguistic identity, Intercultural education

## Índice Geral

Agradecimentos .....	iv
Resumo .....	vi
Abstract.....	vii
Índice de tabelas.....	x
Introdução .....	1
Capítulo I - Revisão da Literatura.....	4
1. Desenvolvimento infantil dos 0 aos 6 anos .....	4
2. Cultura: multiculturalidade, interculturalidade, assimilacionismo e integracionismo 6	
2.1. A Escola e a Cultura .....	8
3. Desenvolvimento da identidade linguística.....	9
3.1. Bilinguismo na infância.....	10
4. Cabo Verde: Trajetórias de imigração.....	11
4.1. Importância do crioulo cabo-verdiano na identidade cultural .....	12
5. Dificuldades de Adaptação Linguística e Cultural .....	15
5.1. Influência da família na adaptação escolar .....	15
5.2. Influência dos professores na adaptação escolar .....	15
Capítulo II - Problematização e Metodologia.....	16
6. Problematização e objetivo.....	16
6.1. Metodologia do estudo .....	17
6.2. Participantes .....	19
6.3. Procedimento de recolha de dados.....	20
6.4. Procedimentos de tratamento e análise de dados.....	21

7. Análise e Discussão de Resultados.....	22
Considerações finais .....	32
Referências.....	34
Apêndices.....	39
Apêndice 1 transcrição em crioulo .....	40
Apêndice II transcrição em português .....	46
Apêndice III tabela para análise de dados .....	54

## **Índice de tabelas**

Tabela 1 - Análise temática da história de vida .....	21
---	----

## **Lista de abreviaturas**

PALOP Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

OCEPE Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

INECV Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde

QECR Quadro Europeu Comum de Referência

## Introdução

Portugal é, desde o século XV, caracterizado por um país de migrações (Rocha, 2006) Muitos são os estrangeiros que procuram Portugal para viver, sendo que representam 7% da população em Portugal e, destes, 33.988 são provenientes de Cabo Verde (Por Data, 2021). Independentemente do motivo da migração, muitos pais viajam com os seus filhos, ou trazem-nos posteriormente para Portugal, o que implica a integração destas crianças no sistema de ensino português.

Estas crianças, além do desafio de integrarem uma nova escola e de terem de estabelecer relações com adultos e outras crianças desde o início, ainda têm de se adaptar a questões culturais e linguísticas. A prática comum é inserir os alunos estrangeiros, sejam filhos de imigrantes ou filhos de portugueses regressados a Portugal, num currículo normal, sem que muitos compreendam uma única palavra. Quanto aos alunos oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), e em particular aos cabo-verdianos, apesar de a língua oficial do país ser o português, continuam a ver-se confrontados com esta barreira. A grande maioria das crianças cabo-verdianas falam fluentemente o crioulo, em casa e no seu grupo de pertença, tendo apenas contacto com o português na altura da integração no primeiro ciclo (Seabra, 2016).

A maioria dos alunos cabo-verdianos que atualmente integram os sistemas de ensino pertencem à terceira geração, isto é, os seus avós foram imigrantes e os seus pais e os próprios já nasceram em Portugal (Batalha, 2004). Desta forma, o contacto com a escola portuguesa começa desde a primeira infância.

Cardoso (1996, p. 27) considera que “o percurso escolar dos alunos pertencentes a minorias étnicas é, em geral, mais difícil e desvantajoso do que o percurso escolar dos alunos pertencentes à cultura dominante”, uma vez que “os alunos pertencentes a minorias devem adaptar-se à cultura portuguesa, ao ambiente, currículo e dinâmicas escolares ajustadas aos alunos pertencentes à maioria”. (Seabra, 2016 cit. por Boléo, 2023) Ao compreender o (in)sucesso escolar das crianças cabo-verdianas, existem vários fatores envolventes que estão na base dos resultados da aprendizagem, sendo que existem variáveis de carácter mais geral e outras mais específicas.

A origem social e demográfica dos estudantes, o tipo e a variedade de recursos pedagógicos e de aprendizagem das instituições, o envolvimento institucional e o sentimento de pertença “à escola, o tipo e a qualidade das relações interpessoais que se desenvolvem em ambientes de sala de aula, elementos cognitivos e pessoais que afetam

a aprendizagem, entre outros” (Ferreira, Cardoso & Abrantes, 2013, p. 29).

Com base em dados do ano letivo de 1997/8, um estudo indicava que, de entre as minorias associadas aos PALOP, os cabo-verdianos apresentavam uma situação particularmente preocupante, o que se devia, em parte, às taxas elevadas de desistência que eram comuns a todas as minorias (Bastos et al, 1999). No entanto, os cabo-verdianos destacavam-se também por terem as taxas mais baixas de aprovação ao longo da escolaridade obrigatória. A situação tornava-se ainda mais crítica, pois os cabo-verdianos abandonavam o ensino obrigatório e secundário numa proporção significativamente maior do que qualquer outra minoria africana (Bastos et al, 1999).

Atualmente, dados mais recentes continuam a evidenciar que esta situação persiste, como destacam estes autores afirmam que "o aluno afrodescendente tem uma maior probabilidade de repetir o ano, independentemente do ano escolar... para os alunos cabo-verdianos, este facto é ainda mais acentuado" (p.82). Essa constatação reforça a necessidade de uma análise aprofundada e de uma reflexão sobre estratégias eficazes para lidar com esse desafio educacional.

Devido à origem cabo-verdiana da autora do presente trabalho e às dificuldades sentidas na integração do sistema de ensino português, procurámos identificar fatores protetores e fatores de risco, na perceção de um participante oriundo de Cabo Verde.

Para tal, usámos como metodologia o *Storytelling*, ou História de Vida, que proporciona um novo significado tanto para quem conta a história quanto para os pesquisadores. Em comparação com métodos convencionais, como as entrevistas, o *Storytelling* permite que a pessoa dê sentido à sua narrativa de forma mais completa, sem deixar pontas soltas. Não pretende procurar toda a verdade, mas sim compreender a experiência do indivíduo e os elementos mais marcantes que permanecem na sua memória, conforme proposto por Bossi (2003).

Desta forma, o presente trabalho encontra-se dividido em três capítulos. Numa primeira parte, encontramos uma revisão de literatura que abrange as teorias de desenvolvimento infantil e alguns conceitos relevantes como a cultura, o multiculturalismo, a identidade linguística, o bilinguismo, entre outros. É feita também uma referência às barreiras culturais e linguísticas, ao papel das famílias, da escola e dos professores neste processo de adaptação. Ainda é possível encontrar um subcapítulo referente a Cabo Verde e às suas particularidades de migração e de identidade cultural.

No capítulo II, apresentamos um curto enquadramento da metodologia de *Storytelling*, assim como da problemática investigada. De seguida, apresentamos

informações sobre os participantes, iremos separar os critérios de seleção e características, explicaremos os procedimentos adotados.

Posteriormente, é feita uma análise de dados, com base da história de vida partilhada pelo participante, com justificações teóricas. De acordo com a literatura, os alunos cabo-verdianos enfrentam desafios ao ingressar no sistema de ensino em Portugal, que envolve questões relativas tanto à escola, como às pessoas que constituem o sistema escolar (professores e alunos) (Martins, 2019). Igualmente, o participante deste trabalho identifica alguns colegas com os quais formou um grupo, e ao qual se sentia pertencente, em contraste com outros colegas que o “gozavam” por ser diferente. Há também a identificação de uma professora, com a qual criou uma relação positiva e segura, e chega a afirmar que o receio de a desiludir funcionou como dissuasor de comportamentos negativos.

Apesar de as diferenças culturais e a língua serem frequentemente um obstáculo inicial para esses alunos (Martins, 2019), tanto as memórias do país de origem, como as vivências extraescola e, neste caso, num bairro dos arredores de Lisboa, habitado grandemente por cabo-verdianos, pareceram “transportar” o participante para a sua zona de conforto, onde se sentia integrado e não tinha perceção das diferenças e das dificuldades. Particularmente, este participante demonstra uma enorme vontade de se integrar e superar barreiras, sendo que identifica a televisão como instrumento de aprendizagem da língua.

Por fim, as considerações finais de todo este trabalho, com a identificação de melhorias e possibilidades de investigações futuras, nomeadamente a necessidade não só de a escola ser sensível a estas diferenças e dificuldades, mas também em promover, ela própria, atividades de reconhecimento e contacto intercultural.

## Capítulo I - Revisão da Literatura

Cada pessoa encara a sua língua materna como tendo um papel estruturador da sua personalidade e cada língua é vista pela comunidade que a fala como um produto cultural que está na base da sua identidade, do seu sentido de pertença – respeitar uma língua é respeitar o grupo cultural que a fala.  
(Pinto, 1998, p. 9)

### 1. Desenvolvimento infantil dos 0 aos 6 anos

Os primeiros seis anos de vida representam uma janela crítica para o desenvolvimento infantil, interligando aspetos físicos, cognitivos, sociais, emocionais e morais. Esta é uma fase crucial e dinâmica, caracterizada por rápidas mudanças, de acordo com Costa e Santos (2003), é necessário um estímulo adequado e um ambiente enriquecedor para que haja impactos positivos a longo prazo na vida da criança, moldando a sua jornada de crescimento e de aprendizagem.

Segundo Silva et al., (2016). quando falamos de desenvolvimento infantil, podemos considerar diferentes áreas, nomeadamente:

- **Desenvolvimento físico:** observa-se um crescimento acelerado, tanto em termos de peso quanto de altura, além do aperfeiçoamento das habilidades motoras finas e grossas;
- **Domínio cognitivo:** as crianças passam por uma formação intensiva de habilidades básicas, como atenção, memória e resolução de problemas;
- **Desenvolvimento da linguagem:** é essencial, com a aquisição de vocabulário e aprimoramento das habilidades de comunicação;
- **Desenvolvimento social:** as crianças estabelecem vínculos emocionais fundamentais com cuidadores, famílias e pares, e ainda desenvolvem, a autoconsciência e habilidades sociais, como empatia e interação com os outros.
- **Desenvolvimento emocional:** envolve a exploração do mundo ao redor e o início do entendimento das emoções, contribuindo para a formação da autonomia.
- **Desenvolvimento moral:** começa nos primeiros anos, com a compreensão inicial de valores e normas sociais, além do desenvolvimento da consciência moral.

Simultaneamente, a formação da personalidade está em andamento, com a construção da identidade, autoconceito e a exploração de interesses pessoais.

- **A influência do ambiente** é um fator determinante, destaca a importância de estímulos ambientais positivos para um desenvolvimento saudável. A interação significativa com cuidadores, familiares e o ambiente físico desempenha um papel fundamental nesse processo.

A primeira infância é, então uma fase crucial para estabelecer as bases do desenvolvimento futuro, onde intervenções precoces podem moldar a trajetória de vida da criança.

São diversas as teorias que exploram os fatores-chave na capacidade da criança se adaptarem ao ambiente em que está inserida, nos primeiros anos de vida. Essas teorias, propostas por psicólogos reconhecidos, como Erik Erikson (1980), Jean Piaget (1980), John Bowlby (1957), Urie Bronfenbrenner (1996), Albert Bandura (1987) e Lawrence Kohlberg (1960), apresentam perspectivas abrangentes que consideram elementos biológicos, sociais e emocionais. Nesse cenário, a compreensão dessas teorias estabelece uma base sólida para abordar o desenvolvimento infantil de maneira integral, reconhecendo a interconexão entre fatores psicossociais, cognitivos e emocionais no processo de formação da identidade e na capacidade de adaptação da criança ao seu redor. De entre as teorias de desenvolvimento infantil existentes, destacamos:

- Teoria Psicossocial de Erik Erickson (1980): Refere a importância das crises psicossociais em estágios específicos, moldando a identidade da criança.
- Teoria Cognitiva de Jean Piaget (1920-1980): Enfatiza os estágios de assimilação e acomodação, delineando o desenvolvimento cognitivo da criança.
- Teoria do Apego de John Bowlby (1957-1960): Prioriza a formação de laços emocionais seguros na primeira infância como essenciais para o desenvolvimento emocional saudável.
- Abordagem Ecológica de Urie Bronfenbrenner (1970-1980): Examina a influência de sistemas concêntricos, desde o microsistema (ambiente imediato) até o macro sistema (influências culturais e sociais).
- Teoria da Aprendizagem Social de Albert Bandura (1960): Ressalta a importância da aprendizagem social e da observação como fatores cruciais no desenvolvimento infantil.

- Teoria do Desenvolvimento Moral de Lawrence Kohlberg (1950-1980): Explora estágios do desenvolvimento moral, destacando a evolução da compreensão ética da criança.
- Teoria da Resiliência que tem uma contribuição de vários autores, nomeadamente Ann S. Masten (2011,), Michael Ungar (2008, 2011), Sir Michael Rutter (2012), Linda Theron (2019), entre outros. Esta teoria foca a capacidade de a criança superar contratempos, o que demonstra a importância da adaptação positiva perante os desafios (Masten, 2011)

No contexto do presente trabalho, faz sentido explorar mais em detalhe a teoria da resiliência. Segundo Rutter (2012, p.312), “o conceito de resiliência é, de forma genérica, uma mudança individual na resposta ao risco, que pode ser interpretado de maneira distinta por diferentes pessoas”. A resiliência não deve ser considerada uma qualidade imóvel própria da pessoa, mas sim uma característica que flutua em resposta aos contextos. Por outras palavras, a resiliência é moldada pela interação dinâmica entre a pessoa e o seu ambiente, podendo ser influenciada por mudanças nas condições e experiências ao longo do tempo (Rutter, 2012).

Ao analisarmos estas teorias, é possível compreender as relações entre aspetos biológicos, sociais e emocionais no desenvolvimento infantil, e a forma como promovem um apoio para profissionais e cuidadores, o que resulta num ambiente propício ao crescimento saudável e equilibrado das crianças.

## **2. Cultura: multiculturalidade, interculturalidade, assimilacionismo e integracionismo**

A cultura, como definida por Gomes, (2000). abarca o conhecimento, a arte, as habilidades e os hábitos compartilhados pelos membros de uma sociedade. Nesse contexto, Rocha (2006) descreve a integração como um processo em que indivíduos ou grupos minoritários se unem e compartilham as mesmas estruturas sociais, promovendo o respeito mútuo pelas identidades pessoais e culturais de cada um. Essa visão da integração, como destacado por autores como Papademetriou e Penninx (2003, cit. por Rocha, 2006), ressalta a importância da aceitação, interação e adaptação mútua entre imigrantes e a sociedade de acolhimento. É dentro deste contexto de integração cultural que podemos compreender mais profundamente a influência da cultura sobre a identidade

linguística.

A integração é um processo de aceitação, de interação e de adaptação mútua entre imigrantes e a sociedade de acolhimento.

O multiculturalismo valoriza a diversidade cultural e procura proporcionar respeito e acomodação iguais às identidades e práticas das minorias culturais em Portugal, um país multicultural (Hall, 2003).

No entanto, apesar da relevância do multiculturalismo, o foco é na interculturalidade, que vai além da mera coexistência cultural. McLaren (2012) apresenta algumas críticas ao modelo multiculturalista pois a interculturalidade procura a interação efetiva entre diferentes culturas, promovendo o respeito pela diversidade e o diálogo aberto. O autor salienta que o interculturalismo é uma abordagem que promove a coexistência positiva de diferentes grupos culturais, para superar conflitos culturais, promover a aceitação e a tolerância, e reconhecer a diversidade como enriquecimento social e cultural. O interculturalismo destaca não apenas o reconhecimento das diferenças, mas também a convivência da diversidade e a interação positiva através da partilha de elementos culturais (Martins, 2019). Isso pressupõe a vontade de compreender as diferenças e a disposição para se envolver com o outro, promovendo novas formas de coesão, com base em perspectivas, elementos e comportamentos culturalmente diversos (Martins, 2019).

Portugal, como país hospedeiro, acolhe uma variedade de grupos étnicos e culturais vindos de diferentes partes do mundo. Ao analisarmos a dinâmica de incorporação desses grupos na sociedade portuguesa, é possível identificar elementos tanto do assimilacionismo quanto do integracionismo.

A assimilação, imposta aos imigrantes recém-chegados ao país recetor, é criticada, por normalizar a cultura da maioria e desconsiderar as experiências dos emigrantes, retratando-os como inferiores. O fracasso do assimilacionismo levou ao surgimento do integracionismo, que, embora teoricamente reconheça a igualdade, na prática não respeita as diferenças culturais (Ferri, 2002).

Os dois conceitos defendem perspectivas opostas, senão vejamos:

- No conceito de assimilacionismo, defende-se que os imigrantes devem integrar-se completamente no país hospedeiro, esquecendo suas práticas culturais, como a língua e a identidade, para adotarem totalmente a cultura do país anfitrião, desrespeitando a identidade cultural dos grupos (Araújo, 2008);

- No conceito de integracionismo, respeitam-se e reconhecem-se as diferenças culturais dos grupos desfavorecidos. Nesta abordagem, defende-se a preservação cultural, permitindo que os grupos mantenham sua identidade cultural, compartilhando suas culturas e adquirindo também a cultura do país recetor. Isso cria uma sociedade multicultural que aceita e valoriza a diversidade cultural, enriquecendo assim a cultura do país hospedeiro (Silva, 2003).

## **2.1.A Escola e a Cultura**

Leite (2003) destaca a inseparabilidade entre educação e cultura, afirmando que "não é possível pensar na educação sem simultaneamente pensar na cultura e as relações que existem entre ambas". A escola, enquanto instituição de educação, desempenha um papel importante na formação das comunidades, tornando-se um ponto vital de ligação para o desenvolvimento de perspectivas futuras.

Dentro desse contexto, a interação entre diversas culturas torna-se a base para a construção de uma educação multicultural, promovendo a diversidade e a coesão social. Boléo (2018, p. 94) afirma que "a interação entre diversas culturas é fundamental para a construção de uma educação multicultural, promovendo a diversidade e a coesão social". Quando se conhece a diversidade cultural, percebe-se que desempenha um papel crucial na adaptação das crianças ao sistema de ensino. Boléo (2018, p. 27) refere que "para que haja sucesso na promoção do Diálogo Intercultural, o papel da educação é fundamental".

Cardoso (1996) destaca a evolução da escola multicultural em quatro fases distintas:

1. Estabelecer e promover mudanças multiculturais;
2. Especificar os objetivos e metodologias para o processo de mudança;
3. Divulgar o projeto da escola e procurar a adesão dos professores;
4. Promover formações no domínio da educação multicultural.

A escola deve permitir a criação de um ambiente propício à formulação de planos educacionais abrangentes para toda a comunidade cultural. Apenas quando a escola assimila a cultura da criança, permite que esta assimile a cultura da escola. Essa abordagem destaca a importância da interculturalidade nas escolas, envolvendo a interação de diferentes culturas, promovendo o respeito pela diversidade e incentivando o diálogo intercultural.

Um exemplo desta interculturalidade é a incorporação de festividades e celebrações culturais no currículo enriquece a experiência educacional e promove a aceitação da diversidade cultural.

### 3. Desenvolvimento da identidade linguística

A linguagem é considerada um elemento fundamental na expressão da identidade de um grupo social. A identidade linguística é a conexão emocional e cultural que as pessoas ou grupos têm com uma língua específica, influenciando a interação humana, e molda a identidade na vida diária. Segundo Caldeira (2002) a construção da identidade está estreitamente vinculada à língua e à cultura, vê-se de uma forma nítida o vocabulário e o sotaque. A escolha intencional do idioma num certo contexto de comunicação também desempenha um papel crucial, que molda a identidade durante a comunicação.

A identidade linguística e a identidade cultural estão fortemente ligadas e são manifestadas na preservação ou mudança da língua/cultura, refletindo a defesa da identidade ou a adoção de uma perspectiva multicultural. Na sociedade atual, as identidades são caracterizadas por uma mistura de influências culturais, o que destaca a necessidade de compreender e respeitar a diversidade cultural, o que se reflete numa abordagem mais inclusiva e pluralista em relação à identidade (Hall, 2003).

Podemos nos basear na abordagem de Albino (2021) para argumentar que a identidade linguística não se limita apenas ao uso prático da língua, mas integra aspetos emocionais, sociais e culturais e pode ser influenciada por diversos fatores, tais como:

- **Língua Materna:** A língua aprendida desde a infância, desempenha um papel importante na formação da identidade linguística. Pode estar associada a sentimentos de pertença;
- **Cultura e História:** A ligação entre a língua, a cultura e a história de um grupo é indispensável para a formação identidade linguística. A língua carrega tradições, valores e expressões culturais únicas;
- **Contexto Linguístico:** A confrontação com diferentes línguas num ambiente social ou geográfico pode influenciar a identidade linguística, formando a identidade linguística plurilíngue;
- **Bilinguismo e Multilinguismo:** As pessoas que falam mais de uma língua podem desenvolver uma identidade linguística complexa, que irá formar uma identidade global;

- **Atitudes Sociais:** As atitudes sociais em relação a uma língua influenciam a escolha de usá-la ou abandoná-la (*e.g.*: grupos que valorizam uma língua mais do que outra);
- **Migração e Diáspora:** Em contextos de migração, a identidade linguística pode ser complexa, o que pode originar a preservação da língua de origem e a aquisição de novas línguas no novo ambiente;
- **Educação:** O idioma de instrução pode moldar a identidade linguística, devido a forma como ela é percebida e usada.

### 3.1. Bilinguismo na infância

O bilinguismo é um fenómeno antigo, no entanto, a sua definição é complexa, varia consoante os especialistas, impactando áreas como educação e identidade, fatores como idade de aquisição e domínios de uso influenciam a definição.

Os primeiros autores a abordar o tema, como Haugen (1953), definem bilinguismo como a capacidade de produzir enunciados completos numa outra língua. Diversas interpretações persistem, abrangendo políticas de imigração, educação, conhecimento e identidade.

Podem ser considerados dois tipos de bilinguismo:

- **Bilinguismo sequencial** – Este tipo de bilinguismo envolve o desenvolvimento linguístico em duas línguas em momentos distintos ao longo da vida de uma pessoa. Refere-se assim à aquisição de uma segunda língua após a aquisição da primeira língua, geralmente durante a infância ou a adolescência. Segundo Edwards (2006) a complexidade do bilinguismo e como os falantes bilíngues não são simplesmente a soma de dois monolíngues.
  - **Bilinguismo simultâneo** - envolve exposição contínua a duas línguas desde a infância. A complexidade vai além da sintaxe, influenciando cognição e identidade. A habilidade de transitar fluidamente entre línguas reflete uma compreensão rica das nuances culturais associadas a cada idioma. O bilinguismo simultâneo não é apenas sobre domínio linguístico, mas também está intrinsecamente ligado à construção da identidade cultural (Almeida & Flores, 2017)
    - Podemos analisar devido a outros autores contemporâneos, como Bialystok (2017), que salienta que crianças bilíngues muitas vezes superam

seus pares monolíngues nas tarefas que requerem controle ativo, o conjunto de processos mentais responsáveis pelo planeamento, atenção e autorregulação. Para Bialystok (2017) ser bilíngue vai além de ser apenas habilidoso nas duas línguas; é um estado que impacta diretamente o funcionamento cognitivo. O bilinguismo não se limita à capacidade linguística, mas explora também como a experiência bilíngue molda o cérebro e influencia processos cognitivos. O mesmo autor destaca ainda a gestão da constante competição entre as línguas em uso, resultando no aprimoramento de habilidades cognitivas como inibição, foco intencional e flexibilidade cognitiva.

#### **4. Cabo Verde: Trajetórias de imigração**

Cabo Verde está situado na África Ocidental, composto por 10 ilhas e cinco ilhotas, com uma população de cerca de 501 mil habitantes em um território de 4033 km<sup>2</sup>. A língua oficial é o português, mas o crioulo cabo-verdiano é a língua predominante em todas as ilhas (Carling, 2001). A economia destaca-se no setor de serviços, especialmente no turismo de praia e sol, tornando-se uma das mais robustas da África. A história cabo-verdiana é marcada por desafios como seca, escassez de recursos e dificuldades económicas, impulsionando movimentos migratórios, desde os primeiros períodos, até a contemporaneidade (Mendes, 2005). As constantes emigrações em Cabo Verde foram exatamente uma resposta à falta destes recursos locais, que resultou numa estratégia de sobrevivência, através de movimentos migratórias para os países europeus e os EUA (Góis, 2006), assim como entre ilhas.

Segundo (Góis, 2006) a diáspora cabo-verdiana teve origem devido a fatores como a escravidão, que conduziu às emigrações para o império colonial português, os EUA e outros destinos nos séculos XIX e XX.

Nas últimas duas décadas, houve uma mudança significativa na abordagem ao estudo das migrações. O foco deixou de ser análise unidirecional, para adotar uma perspectiva multidirecional, o que inclui a consideração de migrações circulares, remigração e o surgimento de comunidades transnacionais (Góis, 2006). Atualmente, podemos constatar que Cabo Verde não é apenas um país de partida. O retorno à terra, a estabilidade política, o custo de vida atrativo e outros fatores incentivam os fluxos multidirecionais nos últimos anos.

Atualmente, a diáspora cabo-verdiana está distribuída por vários continentes, com

grandes comunidades nos EUA, Portugal, Holanda e outros países europeus, com influência tanto em Cabo Verde quanto nos países de acolhimento (Mendes, 2005). Esta influência é sentida nas transações monetárias (ex. é comum os emigrantes enviarem dinheiro para as suas famílias) e no investimento em projetos locais, o que contribui para o desenvolvimento da economia do país. Embora os imigrantes cabo-verdianos enfrentem desafios culturais e económicos, a imigração também proporciona oportunidades de uma adaptação pessoal e cultural que desenvolve positivamente a diáspora em setores como educação e saúde (Cardoso, 2016).

Segundo o Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde (INECV, 2022), o governo cabo-verdiano adota políticas destinadas a abordar desafios e oportunidades associados à emigração, políticas que facilitam a integração e a promoção da colaboração com os países de acolhimento. Desta forma, podemos constatar que a diáspora cabo-verdiana reflete a resiliência da população perante dificuldades, o que se torna crucial entender esses movimentos para o desenvolvimento do país.

#### **4.1. Importância do crioulo cabo-verdiano na identidade cultural**

“[...] se todo o nosso povo fala e compreende o cabo-verdiano, a maioria, contudo, não fala o português. Apenas os nossos letrados, os que estudaram ou estudam são verdadeiramente bilingues. Na generalidade, o nosso povo tem um nível razoável de compreensão do português, mas compreender uma língua não significa falar essa mesma língua.”

Veiga (1994, p. 257-277)

Como dito anteriormente, a linguagem é um fenómeno naturalmente ligado a cultura, ou seja, está integrada dinamicamente num sistema complexo de significados que inclui elementos simbólicos e materiais (correa, 1999). Como ocorre com outros artefactos, a linguagem serve diversas funções e está implicada num amplo conjunto de práticas culturais, incluindo a narração e a representação. As crianças acostumam-se com estas funções através da sua participação e atividades com adultos e pares (Moreno-Núñez et al., 2017).

1. Desde a primeira infância que as crianças necessitam de oportunidades para participar em interações comunicativas educacionais com outras pessoas, para aprender a utilizar os objetos de acordo com a sua função

social. Este aspeto é uma apropriação cultural gradual que começa desde o seu nascimento, Cortesão (1999). Neste sentido, algumas práticas educativas, como a leitura partilhada de livros, tornam-se oportunidades privilegiadas para promover a construção social e cultural de habilidades cognitivas e desenvolvimento comunicativo Cortesão (1999) Por outro lado, a pesquisa psicológica sobre a comunicação pré-linguística revela que as crianças inicialmente comunicam por meio de gestos naturais e signos ligados à materialidade. Esses gestos, como apontar para objetos, desempenham um papel importante no desenvolvimento da linguagem. De acordo com Cortesão (1999, p.10) “os gestos naturais têm uma influência preditiva no desenvolvimento da linguagem, afetando componentes como pragmática, semântica e morfossintaxe”. Portanto, o gesto é uma etapa crucial na aquisição da linguagem. De acordo com Cortesão (1999, p.10) “O repertório de recursos comunicativos pré-linguísticos que as crianças adquirem durante este estágio, como sons vegetativos, arrulhos, risos e brincadeiras vocais, fundem-se nas suas primeiras expressões verbais à medida que desenvolvem estruturas linguísticas mais complexas”

Tanto em Cabo Verde, assim como com as crianças descendentes de cabo-verdianos, nascidas na diáspora, as primeiras interações, as músicas, as histórias, a comunicação direta entre pais e filhos e os diálogos a que assistem são feitos em crioulo.

O crioulo cabo-verdiano, também conhecido como *kriolu*<sup>1</sup>, desempenha um papel significativo na identidade cultural e comunicação em Cabo Verde. O crioulo é frequentemente utilizado como língua de comunicação informal entre a população, sendo assim a língua em que as pessoas se expressam de forma mais natural e autêntica no dia a dia. Mesmo sendo o português a língua oficial do país, o crioulo predomina na população. O português é apenas utilizado na administração pública, nas escolas e nos média. Fazendo assim parte da identidade cultural e social de Cabo Verde, desempenha papéis importantes na comunicação, expressão artística, educação e preservação da tradição oral. Reconhecer e valorizar o crioulo é crucial para promover a diversidade cultural e linguística (Dias, 2008).

---

<sup>1</sup> Crioulo: registo escrito (ortografia) do povo cabo-verdiano para falar da língua cabo-verdiana.

Em Cabo Verde, é comum as crianças não frequentarem o ensino pré-escolar, ficando muitas vezes a sua educação a cargo das mulheres da família. Desta forma, a única forma de comunicação que dominam é o crioulo. O mesmo se verificou nas primeiras vagas de imigração, onde as crianças permaneciam nos bairros, num ambiente semelhante ao que conheciam no país de origem, com acesso limitado não só à língua portuguesa, mas também aos seus costumes e tradições. Como consequência, quando integravam o sistema de ensino em Portugal, pertenciam à minoria que não dominava a língua, o que revelou ter impacto no seu (in)sucesso escolar, como mencionado anteriormente.

## **5. Dificuldades de Adaptação Linguística e Cultural**

Adaptar-se a um novo ambiente traz desafios linguísticos e culturais, como barreiras de idioma e choques culturais que afetam a comunicação, e podem originar isolamento social, falta de apoio e stress emocional. Os conflitos de identidade aparecem das diferenças entre as normas sociais, valores e expressão de emoções, que aumenta as dificuldades de integração.

A compreensão das normas sociais, e a sua conseqüente influência na adaptação do sistema educacional, e a procura uma rede de apoio são fundamentais para uma integração bem-sucedida, exigindo paciência, abertura para uma aprendizagem ativa de interações culturais (Seabra,2016).

As crianças cabo-verdianas, ao ingressarem no sistema de ensino português, enfrentam desafios como as barreiras linguísticas ao se depararem com o português europeu, além de diferenças culturais e sociais. A adaptação ao português, língua de instrução, requer tempo e esforço, que é crucial para o sucesso escolar. As diferenças culturais entre Cabo Verde e Portugal influenciam nas interações sociais e na compreensão do ambiente escolar (Seabra, 2016). É importante também destacar a importância do suporte familiar, especialmente para crianças não familiarizadas com o sistema de ensino português. Além disso, as crianças podem frequentar diversos desafios e para superar estes desafios requer programas de apoio linguístico, compreensão intercultural e colaboração entre escolas, famílias e comunidade (Seabra, 2016).

## **5.1. Influência da família na adaptação escolar**

A criança, como ser em desenvolvimento, necessita de atenção, amor e incentivos para um crescimento satisfatório. Esses elementos são exclusivamente estabelecidos nos primeiros contatos com a família (Silva 2003). A base emocional sólida que a família fornece cria um ambiente propício para o desenvolvimento da criança, enquanto o amor e os estímulos, contribuem para uma boa adaptação na escola. O papel dos pais deve ser um complemento na modelagem de comportamento positivo e de um envolvimento ativo. Os pais são fatores-chave que moldam o percurso educacional da criança, o que promove um desenvolvimento saudável (Silva, 2003).

Ao reconhecer a importância da influência familiar nas escolas, as instituições de ensino podem criar parcerias eficazes para apoiar o desenvolvimento global da criança. Uma colaboração positiva entre família e a escola é o sucesso escolar das crianças.

Contudo, há uma diferença cultural que deve ser sublinhada neste contexto de influência familiar. De acordo com Omisilê (2022, p.798) “o ato de castigar não é exclusivo da relação entre mães e filhas e filhos, mas entre adultos e crianças, podendo esta pessoa adulta ser uma vizinha, professora, cuidadora, etc.” Isso implica que os professores têm uma posição de autoridade semelhante à dos pais e podem optar por medidas disciplinares, incluindo castigos e violência, para corrigir o comportamento das crianças. Esta perspectiva singular em relação aos professores, considerando-os como uma extensão da família, igualando os papéis materno e paterno, conduz-nos a um ponto de vista significativamente diferente daquele que é normativo em Portugal, em que, como referido, a escola e a família “trabalham” em conjunto, para o bem-estar da criança.

## **5.2. Influência dos professores na adaptação escolar**

Tal como já referido, as barreiras linguísticas representam obstáculos na comunicação devido a diferenças de idioma, níveis de aptidão, variações dialetais e diferenças culturais. Superar essas barreiras é crucial para promover a compreensão e colaboração intercultural em diversos contextos. Esses desafios complicam a comunicação e o contato social, que afetam o desempenho escolar.

A compreensão e produção linguística dos falantes não nativos apresentam situações diversas com as quais os professores podem ter de lidar. Essa posição é desafiadora tanto para quem chega quanto para quem acolhe, especialmente para aqueles sem experiência (Correia, 2019). Nesse sentido, os professores devem ter conhecimentos socioculturais sobre os diferentes grupos aos quais seus alunos pertencem e serem capazes

de aplicar esses conhecimentos na organização curricular e no ensino (Boléo, 2019). Ao abordar a Educação Multicultural como estratégia para promover a igualdade racial e eliminar formas de discriminação, destaca-se a importância de promover a igualdade de oportunidades para o sucesso educacional, transformando a educação multicultural numa educação intercultural (Silva, 2003). Tal como afirma Boléo (2019, p. 19) “A interculturalidade é, pois, uma estratégia que defende que a comunicação entre indivíduos culturalmente diferentes é benéfica, na medida em que só conhecendo o Outro é que se consegue construir uma sociedade em que todos têm os mesmos direitos e veem os seus direitos respeitados”.

## **Capítulo II - Problematização e Metodologia**

Neste capítulo, abordaremos a metodologia adotada para elaborar o estudo em questão. Inicialmente, iremos delinear a problemática investigada. Em seguida, forneceremos informações sobre os participantes envolvidos no estudo, bem como detalhes sobre os instrumentos utilizados para coletar dados, além de descrever os procedimentos utilizados.

### **6. Problematização e objetivo**

A integração de crianças cabo-verdianas, cuja língua materna não é o português, representa um desafio multifacetado que exige uma análise profunda. A rica diversidade linguística em Cabo Verde, onde o crioulo cabo-verdiano serve como língua materna, pode ter implicações no processo de aprendizagem e na integração dessas crianças no sistema educacional português, assim como em outros contextos sociais. Estas questões põem em causa pontos relacionados à eficácia do ensino, inclusão social e desenvolvimento cognitivo dessas crianças (Seabra, 2016).

Este trabalho tem como objetivo principal investigar e compreender as dificuldades específicas enfrentadas pelas crianças cabo-verdianas durante seu processo de integração no sistema de ensino. Analisamos de que forma essas dificuldades têm impacto no seu desempenho académico, a socialização e desenvolvimento emocional. Ainda, o estudo visa identificar estratégias e soluções potenciais que possam ser implementadas para melhorar a experiência de adaptação dessas crianças, para promover uma abordagem mais inclusiva e eficaz no contexto educacional e social.

## 6.1. Metodologia do estudo

“o homem não vê o universo a partir do universo,  
o homem vê o universo a partir de um lugar”  
(Santos, 1987, p. 81)

“O percurso metodológico que cada pesquisador trilha em sua pesquisa deve possibilitar o deslocamento do pensamento, abrir possibilidades de ver os vários mundos no recorte de mundo que se deseja compreender (Nogueira, Barros, Araújo & Pimenta, 2017, p. 468).”

As metodologias qualitativas, por oposição às quantitativas, procuram concentrar-se numa realidade difícil de quantificar (Spindola & Silva Santos, 2003). Baseiam-se na compreensão profunda de fenómenos e contextos sociais, humanos e culturais (Creswell, 2013), atendendo a fenómenos como os significados, as crenças, os valores e as relações. Segundo os autores, estas variáveis não podem ser reduzidas a uma operacionalização (Spindola & Silva Santos, 2003).

São características destas metodologias: 1) a natureza descritiva; 2) a valorização do contexto onde ocorre; 3) a adaptabilidade dos métodos e ajustamento de abordagens ao longo da investigação; 4) a interação entre investigador e participantes, que capta a diversidade de experiências (Patton, 2015).

Dentro das abordagens mais comuns deste metodologia, encontramos os estudos de caso, as entrevistas e as análises de conteúdo com recurso a documentos externos (Patton, 2015).

Nesta investigação, vamos utilizar o método de *storytelling*<sup>2</sup> como instrumento da metodologia qualitativa.

O método de *storytelling* na metodologia qualitativa proporciona uma abordagem envolvente e profunda, permitindo aceder diretamente aos valores, emoções, definições e experiências do indivíduo através do relato pessoal. A distinção entre *life story* e *life history*, conforme delineado pelo Sociólogo Denzin (1970, cit. por Spindola & Silva Santos, 2003), preconiza a importância da autenticidade e profundidade na compreensão

---

<sup>2</sup> Diferentes autores utilizam diferentes terminologias para este método, entre os quais, biografia narrativa, autobiografia ou história de vida. Por uma questão de simplificação da leitura e atendendo às origens da expressão, como explicado no texto, vamos optar pela expressão “*storytelling*”

das narrativas individuais, oferece pontos valiosos sem interferência externa, enquanto também permite uma análise mais ampla e contextualizada quando necessário.

Alguns autores afirmam que a utilização do método de história de vida não é nova no campo das ciências sociais e tem até evoluído continuamente. Bertaux (1989, cit. por Tinoco, 2004) localiza o início da utilização deste método no séc. XIX, na Antropologia, pelo interesse em recolher biografias sobre culturas exóticas e comunidades indígenas norte-americanas. No contexto académico, em 1920, a Escola de Chicago desempenhou um papel crucial como pioneira e impulsionadora de abordagens interdisciplinares. Já nos anos 60 começou a ser muito utilizada por várias disciplinas, que funciona como um método de coleta de dados do homem no contexto das relações sociais (Spindola & Silva Santos, 2003).

De forma genérica, o recurso ao *Storytelling*, envolve uma relação entre o pesquisador (aquele que ouve) e o narrador, numa lógica de construção de conhecimento através de um vínculo, com recurso a uma escuta ativa.

A relação estabelecida é um ponto essencial, pois necessita de confiança mútua, construída ao longo do processo, não só entre quem fala e quem escuta, mas também entre quem escreve e quem lê (Spindola & Silva Santos, 2003). Narrar não se restringe a uma mera procura por informações sobre o outro, mas cria uma relação entre o sujeito narrador e sua história, estabelecendo vínculos recíprocos de confiança e afinidade ao longo do tempo. Assim, a recolha de entrevistas biográficas não configura o método do *storytelling* (ainda que produzam igualmente dados importantes para algumas investigações) pois, nesta metodologia, o narrador é um co-autor ativo do conhecimento que se produz (Nogueira, Barros, Araújo & Pimenta, 2017).

Nesta metodologia, o lugar desempenha um papel fundamental, pois carrega tanto aspetos materiais quanto simbólicos, servindo como um registo quase preciso do tempo (Spindola & Silva Santos, 2003). O encontro entre o pesquisador e o narrador não é apenas um momento de partilha, mas também tem sua própria história, repleta de significados e influências mútuas. Contar a própria história não se resume a revivê-la; é um ato de reapropriação, um processo de reconstrução dos caminhos percorridos. Segundo Bossi (1987, cit. por Nogueira, Barros, Araújo & Pimenta, 2017), lembrar não é simplesmente reviver, mas sim refazer, reconstruir e repensar com ideias atuais as experiências do passado. A memória, longe de ser uma bagagem estática, é antes rebelde e poderosa, constantemente pronta para reinterpretar o vivido de maneira renovada.

Embora o relato autobiográfico possa ser incompleto nos dados (porque, como dito, baseiam-se na reconstrução individual, refletindo a maneira como cada um pretende que sua vida seja contada e lembrada), é rico no entendimento da história. Não pretende atingir a concordância ou a aprovação de quem escuta, nem necessita de ser coerente no tempo. Muito pelo contrário, a riqueza está nos avanços e recuos temporais, assim como na forma única como aquele narrador compartilha aquilo que só ele pode contar (Nogueira, Barros, Araújo & Pimenta, 2017). Igualmente, a narração não está no campo do verificável ou justificável, ao contrário de outras metodologias qualitativas.

Em termos práticos, cabe ao pesquisador recolher, por meio de entrevistas não diretivas, o relato da história de alguém, transcrevê-la e posteriormente “mergulhar” na perspectiva e no significado atribuído à situação contada, de forma a recolher o material necessário à sua pesquisa.

Nesta investigação em concreto, a entrevista foi realizada com um participante e a proposta inicial foi contar a sua história de vida, relativamente à sua vinda de Cabo Verde para Portugal, permitindo que o participante usasse a língua em que sente mais confortável<sup>3</sup>.

Quando algum aspeto considerado relevante não foi abordado, foi pedido ao narrador que falasse mais sobre determinado tema. Contudo, a prática de utilizar questões esclarecedoras deve ser um último recurso (Spindola & Silva Santos, 2003).

## **6.2. Participantes**

H. é um jovem cabo-verdiano, nascido em 1989, na cidade da Praia em Cabo Verde. Aos cinco anos, no ano de 1994, emigrou para Portugal com seus pais “à procura de uma vida melhor”. Assim que chegou a Portugal, H. viveu num bairro social com a sua família de classe média baixa, onde cresceu e viveu. Frequentou a escola pública do bairro social, onde sua resiliência foi moldada pelas experiências diárias, ou seja, H. superou as dificuldades iniciais, e conquistou melhorias pessoais notáveis como no crescimento e na aprendizagem. A verdadeira força de H. está na sua força interior de encarar as situações de forma positiva, que serve de inspiração para as pessoas que estão ao seu redor. A sua história é uma prova viva de que é possível superar desafios com determinação.

---

<sup>3</sup> Esta situação só foi possível devido à investigadora ser fluente em crioulo de Cabo Verde.

Atualmente, com 35 anos, H. continua a residir num bairro social com a sua esposa e seus três filhos. H. representa não apenas uma história de sucesso pessoal, mas também uma fonte de inspiração para aqueles que enfrentam desafios semelhantes nas suas jornadas de vida. A sua história é uma prova viva de que é possível superar desafios independentemente dos apoios disponíveis.

Escolhemos H. para relatar a sua história de vida devido às semelhanças com a autora do presente trabalho. A autora veio de Cabo Verde com 4 anos e também não frequentou o pré-escolar. O primeiro contacto com o português foi na escola. Tal como o participante, a autora enfrentou dificuldades de adaptação devido à língua materna ser o crioulo cabo-verdiano.

Conhecer a pessoa entrevistada vai além de simplesmente recolher informações, especialmente no método de *storytelling*, uma metodologia em que a pessoa se entrega a quem a está a ouvir, o que acaba por ser essencial para uma interação mais genuína, respeitosa e eficaz, que promove o conhecimento, promove empatia, contextualiza respostas, e respeita diversidades culturais, facilita a comunicação, constrói confiança e adequa o ambiente entre o participante e o investigador (Spindola & Silva Santos, 2003).

O participante sentiu-se mais confortável em falar crioulo, a sua língua materna, que facilita ainda mais a recolha de dados, por ser algo natural, como ele mesmo afirmou: *"Eu sinto-me mais à vontade em falar em crioulo porque eu penso em crioulo. Aliás, eu respiro em crioulo, eu, quando falo crioulo, penso uma única vez; não preciso de pensar duas vezes. Mas, para falar português, tenho de pensar duas vezes, pois tenho de utilizar o pensamento e ainda escolher palavras certas para implementá-las. Mas em crioulo, fluem melhor, e como as minhas recordações são todas em crioulo, assim é melhor e não tem transformações."* Devido à opção pelo crioulo, a comunicação foi sentida como conforto, identidade e autenticidade, o que permitiu aceder à riqueza que a língua materna traz para uma comunicação verdadeira e única.

### **6.3. Procedimento de recolha de dados**

A recolha de dados ocorreu na habitação do participante. Inicialmente, planeámos realizar essa conversa nas proximidades de seu antigo bairro, que passou por transformações com a demolição das barracas e a construção de prédios. No entanto, devido às condições meteorológicas, não foi possível deslocar-nos até lá. Na fase

inicial, o entrevistado foi informado sobre os objetivos desta investigação, sendo questionado se seria possível gravar o áudio. Procedemos à gravação utilizando um telemóvel. Posteriormente, realizamos a transcrição não naturalista segundo Oliver et al, (2005) uma forma de representação escrita que não segue estritamente os princípios do naturalismo. Não foram transcritas as pausas verbais, entoações, expressões faciais ou linguagens corporais. Dado que a entrevista foi conduzida em crioulo, optámos por realizar duas transcrições, uma em crioulo de Cabo Verde (APÊNDICE I) e outra em português (APÊNDICE II), como forma de o leitor compreender integralmente o conteúdo.

Algumas questões de carácter aberto foram elaboradas, caso o participante necessitasse de auxílio.

#### **6.4.Procedimentos de tratamento e análise de dados**

Após a transcrição da história de vida, os dados foram tratados através de análise de conteúdo, o que corresponde a uma metodologia qualitativa. A análise de conteúdo é, na verdade, um conjunto de técnicas que, através de procedimentos estruturados e objetivos, analisa o conteúdo das mensagens (Bardin, 2011). Desta forma, e segundo o mesmo autor “não se têm em conta a dinâmica e a organização, mas a frequência dos temas extraídos do conjunto dos discursos, considerados dados segmentáveis e comparáveis” (Bardin, 2011, p. 222).

Desta análise temática, após a relação do conteúdo com os objetivos, surgiram 5 temas: e 9 subtemas apresentados na tabela 1. A frequência dos temas pelos conteúdos pode ser consultada no APÊNDICE III.

**Tabela 1 Análise temática da história de vida**

<b>Tema</b>	<b>Subtema 1</b>	<b>Subtema 2</b>
Língua	Materna	-----
Cultura	Memória	Integração
Adaptação	Imigração	Condições de vida
Escola	1º ciclo	Pré-escolar
Identidade	Aceitação cultural	Emoções

## 7. Análise e Discussão de Resultados

Neste ponto, serão apresentados os resultados do estudo<sup>4</sup>. A organização deste capítulo segue a seguinte estrutura: uma reflexão geral da autora, tendo em conta os objetivos definidos no Apêndice III, à qual se segue a apresentação dos temas identificados, resultantes da análise da história de vida.

A língua materna é uma ponte, mas também é um muro, no processo de integração. Se o crioulo é uma parte essencial da identidade das crianças oriundas de Cabo Verde, que carrega memórias, histórias e conexões familiares, com a chegada a Portugal, estas enfrentam o desafio de aprender o português como língua não materna. Por um lado, o domínio do crioulo facilita a adaptação a pequenas comunidades, por outro, a barreira linguística pode afetar a sua comunicação, a compreensão e a integração, criando isolamento e conseqüente insucesso escolar (Abrantes & Roldão, 2019).

Assim, o domínio da língua portuguesa é fundamental para a integração escolar. É através dela que as crianças participam das aulas, fazem amigos e se envolvem em atividades extracurriculares que não sejam nas suas comunidades. Os professores e os colegas desempenham um papel crucial ao apoiar o desenvolvimento linguístico desses alunos, sendo que atitudes aparentemente irrelevantes têm impacto e são interpretadas de uma forma muito significativa. Também o envolvimento das famílias é crucial, já que, segundo Boléo (2023, p.82) “a análise deste desempenho não se esgota na leitura de a língua materna das crianças ser diferente da língua de instrução, tendo de haver um olhar sobre os fatores socioeconómicos que subjazem a estas famílias, bem como sobre o nível de escolaridade dos pais”.

Relativamente às emoções e memórias pré-migração, podemos afirmar que são difíceis de categorizar. Algumas crianças sentem entusiasmo e curiosidade, enquanto outras podem experimentar ansiedade ou saudades. As memórias pré-migração desempenham um papel importante na vida das crianças migrantes e podem influenciar a sua integração ao novo ambiente. As memórias relacionadas com laços emocionais, tanto à família/amigos, como ao lugar e às tradições, podem servir como uma fonte de conforto e apoio durante a transição para um novo país. Quem, como a autora do presente trabalho, foi uma criança migrante e convive diariamente com essas memórias, sabe que são

---

<sup>4</sup> As respostas apresentadas resultam da tradução que a autora fez, da história contada em crioulo. Por isso, poderá não haver uma total concordância entre o que foi dito em crioulo e a sua expressão em português.

cruciais na formação da identidade cultural, pois comportam experiências, valores e tradições que moldam sua visão do próprio e do mundo em redor. No mesmo sentido, quando as crianças, no país de acolhimento, residem em comunidades semelhantes ao país de origem (nomeadamente, no que respeita à nacionalidade dominante na comunidade), as memórias pré-migração podem criar um sentimento de pertença e solidariedade entre crianças migrantes que compartilham uma história comum, facilitando a formação de redes de apoio e amizades.

Através deste trabalho e da experiência da autora, fica claro que, durante o processo de integração, há lugar para “identidades culturais múltiplas”, isto é, a incorporação e convivência de aspetos tanto da cultura de origem quanto da cultura de acolhimento. Como sabemos, a maior parte da migração entre Cabo Verde e Portugal deveu-se à procura de novas e melhores condições de vida. Desta forma, as condições habitacionais podem influenciar a integração das crianças. Além das condições físicas, sejam da habitação ou da área envolvente, como o acesso a recursos, tem impacto no desenvolvimento da criança, na sua saúde e bem-estar. Contudo, parece-nos ainda mais relevante referir que a localização da habitação tem a sua relevância. Desde o acesso a escola de qualidade, a oportunidades de desenvolvimento extracurricular, podem limitar as oportunidades de participação e desenvolvimento. Ainda, o “tipo de vizinhança”, isto é, viver em áreas com uma população diversificada, pode influenciar a interação com a comunidade local, assim como o isolamento em áreas segregadas pode dificultar a formação de conexões e o suporte comunitário. As diferenças entre a cultura cabo-verdiana e a portuguesa têm um impacto significativo nas interações sociais. Normas de comportamento, expressões e valores variam entre essas culturas, e apenas uma sensibilidade cultural apurada permite evitar mal-entendidos e promover uma convivência harmoniosa. No contexto dessas diferenças, o papel da família se destaca como um aspeto particularmente distintivo entre as duas culturas, principalmente na relação com a escola.

Na cultura cabo-verdiana, as famílias, desempenham um papel mais central e influente na vida das crianças. Valores como o respeito aos mais velhos, a solidariedade entre famílias e o respeito pelo professor, que é visto com a autoridade de um pai ou mãe, são valorizados. A disciplina, inclusive com a permissão para aplicar castigos físicos, é considerada uma forma de educar. Por outro lado, na cultura portuguesa, embora a família também seja valorizada, sua influência pode ser percebida de maneira um pouco

diferente. Enquanto a família desempenha um papel importante na vida da criança, a independência e autonomia tendem a ser mais valorizadas, especialmente à medida que os jovens crescem. A relação entre a família e a escola pode ser menos intensa do que em algumas culturas cabo-verdianas, com uma separação mais clara entre o ambiente doméstico e o contexto educacional. No entanto, os pais portugueses também atribuem grande valor à educação e frequentemente se envolvem ativamente na vida escolar dos filhos, embora haja variações de acordo com o contexto socioeconômico e regional. Em ambas as culturas, entretanto, a família é considerada uma base fundamental. Além disso, a família pode contribuir para manter emoções positivas, fortalecendo assim a experiência de integração, o sentimento de pertencimento e a construção de uma nova identidade cultural.

Também a escola tem um papel importante. A escola é, por excelência um espaço onde a diversidade cultural se manifesta. A interculturalidade deve ser promovida, permitindo que as crianças compartilhem as suas tradições e aprendam sobre outras culturas. Igualmente, os professores podem representar elementos fundamentais, promovendo atitudes culturais nas atividades pedagógicas, tornando assim a aprendizagem mais significativa. Não só os programas de apoio linguístico e a criação de materiais educativos (como histórias e músicas do país de origem) são relevantes. O apoio emocional e psicológico, por meio de serviços de aconselhamento ou grupos de apoio, pode ser fundamental para ajudar esses alunos a lidar com a transição e evoluir académica e emocionalmente. Igualmente, a escola não existe isolada da comunidade onde está inserida e, por isso, seria benéfico o estabelecimento de parcerias com organizações comunitárias, que podem oferecer recursos adicionais, como programas extracurriculares, tutoria ou assistência com questões práticas das famílias.

O Ministério da Educação disponibiliza de alguns projetos para a integração destas crianças, mas é importante frisar que as escolas em conjunto com algumas entidades e comunidades desenvolvem iniciativas e projetos que pretendem trabalhar em prol da integração, da qual são exemplos os seguintes:

- **Programa Escolhas** - promove a inclusão social de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade. As escolas muitas vezes colaboram com entidades locais para implementar atividades extracurriculares, apoio escolar e orientação profissional para os alunos participantes. Algumas escolas disponibilizam os seus espaços para essas atividades extracurriculares.

- **Rede de Bibliotecas Escolares** - desenvolve um papel importante na promoção da interculturalidade e na inclusão de alunos de diferentes origens culturais. Disponibiliza materiais diversificados, como livros, revistas e filmes, que reflitam a diversidade cultural da etnia dos alunos, permitindo-lhes encontrar-se e reconhecer-se nas coleções. Também organiza atividades culturais e de formação de professores. Em curiosidade no próximo dia 21 de maio comemora-se o Dia Mundial da Diversidade Cultural para o Diálogo e o Desenvolvimento.
- **Instituições de Solidariedade Social** - integradas nos bairros sociais desenvolvem programas de apoio escolar, dando aulas de apoio as diferentes disciplinas. Também disponibilizam o acesso a materiais como computadores e impressoras para o uso dos alunos que não tem em casa para poderem fazer as tarefas escolares ou outras pesquisas. Estas instituições também oferecem atividades extracurriculares, nomeadamente as desportivas e culturais.

Quanto à restante comunidade educativa, nomeadamente as outras crianças, devem adotar comportamentos facilitadores, marcados pela empatia e disposição para aprender as diferenças.

Em seguida, apresentam-se pedaços da história do participante, enquadrados nas temáticas e subtemáticas definidas.

## Tema 1 – Preservação da Língua Materna

Neste tema, que tinha como objetivos principais: a) Compreender de que forma o uso da língua materna, em contexto extraescolar, no país de destino, dificulta a aprendizagem da língua não materna; e b) Perceber a importância do domínio da língua não materna para a integração em contexto escolar, surgem a categoria Língua e a subcategoria Língua Materna.

As respostas demonstram a preferência pelo crioulo nas abordagens do participante. É referido que "*Quando falo crioulo, penso uma única vez, só não preciso de pensar duas vezes.*", o que revela o conforto e a identidade linguística do participante. Isto vai ao encontro de Parisotto (2016) que afirmam que a língua materna é central na estruturação do pensamento e na emoção dos indivíduos.

Igualmente, as suas relações na infância são marcadas pelo uso do crioulo, assim como as suas memórias mais marcantes. Afirma "*Até a data de hoje, não falam comigo português. A minha mãe, até hoje, não fala português, mas pronto*" e "*O meu pai está aqui desde os seus 16 anos e fala o português fluentemente, mas nunca trocamos uma palavra em português.*" O não reforço do português em casa com os familiares também contribui para uma dificuldade nas suas experiências.

Inclusive, refere que o português era uma língua desconhecida: "*Aí, despertou-me curiosidade e perguntei: que língua é essa? Deve ser porque ela é bebé.*"

A aprendizagem do português parece partir de uma necessidade do próprio, mas não o fez em contexto escolar – "*sou só eu e a televisão que oiço o que dizem então tento perceber porque o crioulo é um pouco parecido com o português*".

Contudo, fora deste contexto de iniciativa própria e do contexto escolar, a aprendizagem da língua era nula: "*Mal eu saísse da escola, já não tinha nenhum contacto com o português ou com aprendizado de cultura geral, é só crioulo.*" Essa separação linguística pode ter contribuído para as dificuldades iniciais de aprendizagem não só de falar a língua portuguesa, mas também de compreender o que lhe era dito.

Contudo, há também um sentimento de condicionamento e até falta de liberdade, associado a uma dificuldade em dominar a língua: "*tenho que aprender de mim para mim e com a televisão, ler para ir fazendo uns exercícios para que eu possa tirar os pés desta*

*armadura caso contrário eu não evoluía”* A superação desses obstáculos, mais para a frente, é considerada uma grande superação e vitória para o participante.

## **Tema 2 – Impacto da Cultura na Identidade**

Face aos objetivos deste tema) Contextualizar as emoções sentidas, associadas a memórias pré-migração, e de que forma constituíram fatores protetores ou de risco, no processo de integração ao país de destino; b) Compreender a experiência do indivíduo e os elementos mais marcantes que permanecem na sua memória; c) Perceber a educação multicultural e a importância da interculturalidade; d) Identificar de que forma as diferenças culturais entre Cabo Verde e Portugal influenciam nas interações sociais e a compreensão do ambiente escolar, surgiu a categoria cultura e as subcategorias memórias e Integração.

Quando relembra a sua infância, o participante revela que *“As minhas recordações são todas em crioulo, assim é melhor e não tem transformações”* o que reforça a ideia defendida ao longo deste trabalho que o desenvolvimento da identidade começa nos primeiros anos de vida. No mesmo sentido, há um sentimento de verdade nestas memórias em crioulo, como se estivessem “blindadas” a fatores externos. Se, por um lado, o crioulo em Portugal, o limitava (como visto na categoria anterior), por outro representa uma proteção para uma infância sentida como “protegida” da influência da língua.

Relativamente à integração, afirma que *“Cheguei aqui, foi tudo muito estranho”*. Neste processo de adaptação, não só o domínio da língua representou um obstáculo. Integrar uma nova cultura e a forma como a socialização ocorreu, foi marcante para o participante.

*“Primeira vez que fomos jogar a bola, e eu não tinha nem chuteiras nem sapatos adequados para jogar a bola. A primeira vez foi jogar a bola com botas, eu e o meu irmão, e isso até hoje ainda gozam connosco, gozam connosco pelo facto de termos ido jogar a bola com botas”*.

Refere também que há emoções, relacionadas com a forma como lidava com as crianças vindas de Cabo Verde ou nascidas em Portugal, que reforçaram um sentimento de inferioridade: *“as crianças quando nascem cá julgam-se melhores quando do que as crianças vindas de Cabo Verde”*. Possivelmente, relacionado com uma perceção infantil considerava que *“vinham poucas crianças de Cabo Verde”*, numa lógica de integração de um grupo minoritário e consequentemente em desvantagem.

Assim, sentia que: *“Tens que pensar quase como eles querem, tens que te vestir como eles querem, tens que cortar o cabelo como eles querem, tens que ter a aparência que eles querem para provares que és um bom africano, que tu não és bandido não és assassino e é essa a principal luta”* e surge a necessidade de adaptação pela necessidade de corresponder às expectativas dos outros, isto é, da maioria.

Este sentimento de inferioridade marcou durante muito tempo o percurso escolar do participante, afirmando *“lá para o meu 5º/6º ano já me sentia um pouco mais inteligente do que aquelas pessoas que gozavam comigo”*.

Numa fase crítica de adaptação e (re)definição de identidade, a que se junta o atingir da fase da pré-adolescência, o sentimento de inferioridade esteve presente durante aproximadamente 6 anos.

### **Tema 3 – Desafios Culturais**

O objetivo deste tema foi: a) Averiguar se as condições de vida no país de destino interferiram no processo de integração, surgindo a categoria Adaptação e as subcategorias Imigração e Condições de Vida.

Aquando da chegada a Portugal, o participante afirma *“eu vim e vivia nas barracas”* e ainda *“Chovia dentro de casa, ou seja, as condições em que nós estávamos eram piores do que aquelas em que estávamos em Cabo Verde, por exemplo, pelas estruturas de habitação”*. Contudo, estas más condições eram compensadas por *“em termos de alimentação e roupa era rico, ou seja, melhor”*. Ainda assim, como vimos na categoria anterior, esta “riqueza” parecia não contribuir para a integração e chegou mesmo a provocar sentimentos de inferioridade. Materialmente até podiam ter mais bens, mas não tinham qualidade de vida como em Cabo Verde.

Havia, contudo, um fator protetor: *“Mal eu saía da escola, volto a navegar na minha cultura como se estivéssemos em Cabo Verde, porque é tudo comunidade cabo-verdiana não tem mais nada para além daquilo”*.

Assim sendo, a preservação do modo de vida, a cultura que se replicava no bairro onde residia e as memórias na língua materna, contribuíram para que, mesmo perante tantos desafios, o participante se mantivesse processo de consciência cultural.

### **Tema 4 – Diversidade e Inclusão na Escola**

Surgiu uma categoria – Escola e duas subcategorias – 1º ciclo e pré-escolar, que

se ligam a dois objetivos iniciais: a) Identificar comportamentos tanto de alunos, como de professores, que facilitaram a integração no contexto escolar; e b) Conhecer a opinião do participante sobre atitudes e comportamentos de outros que podem contribuir para a integração de alunos migrantes.

O participante relata o motivo de não ter frequentado o pré-escolar, pela circunstância de quando chegou a Portugal, em 1994, serem poucas as instituições de pré-escolar, associado ao facto de não ser comum, em Cabo Verde, integrar as crianças no ensino pré-escolar e a comunidade funcionar numa lógica de rede educativa, onde todos “dão um olhinho” às crianças. O pré-escolar é uma etapa fundamental no desenvolvimento do ser, segundo Silva et al., (2016).

A dificuldade de interpretação do português pode ser reforçada com o facto de participante não ter frequentado o pré-escolar.

Mesmo com a integração no 1º ciclo, à exceção do contexto de sala de aula, *“fora da sala é só crioulo porque nós eramos maioritariamente só alunos cabo-verdianos”*. O participante tem perceção dos impactos negativos desta situação *“os impactos foram negativos porque eu 90% do meu tempo falava crioulo os outros 5% que nem sei exatamente se chega a ser 5% na sala de aula que eu ficava só calado”*.

Tanto os colegas (*“qualquer coisa que eu falasse era motivo de gozo da parte dos meus colegas”*) como os professores (*“os primeiros professores, não interferiam em nada, deixavam-no para lá. Prosseguiam com a aula quem aprender aprende quem não aprender que aprendesse pronto”*) não funcionaram como agentes de integração e a aprendizagem.

Tal como Ferreira, Cardoso & Abrantes (2013) afirmam, o tipo e a qualidade das relações é essencial nos processos de integração.

Contudo, há uma situação que parece ter mudado a forma de viver a escola – *“Tinha um amigo que nunca me gozava, e ele acolheu-me.”* Este acontecimento é ainda mais relevante se analisarmos esta afirmação: *“entretanto veio mais um para o nosso lado e ficávamos os três. Há uma clara referência a um sentimento de pertença ao grupo de amigos e de não pertença ao grupo externo, sem o qual não saberia definir a sua identidade “se um estivesse envolvido em uma luta, lutávamos os três, e assim isso que salvou-me porque caso contrário eu não sabia como que eu iria estar”*.

A aquisição da língua, mesmo num contexto de imersão diário, demorou 3 anos

*“lá para a terceira classe que comecei a soltar mais que comecei a libertar.”*. Este impacto na aprendizagem aliou-se a um sentimento de falta de controlo da situação *“não sei se na altura era permitido reprovar os alunos ou não, mas eu não reprovei, eu passei com todas as dificuldades”*, como se a aprendizagem estivesse centrada na forma de funcionamento de um sistema e não nas capacidades do aluno.

Novamente reforçando a ideia da importância das relações *“lembro-me de uma professora de matemática, todos os meus colegas portavam-se mal na sala de aula, mas eu não porque, para mim, dentro da sala era religioso, no recreio podia portar-me mal, mas dentro da sala não.”*

Ao compreender o (in)sucesso escolar das crianças cabo-verdianas, identificam-se diversos fatores preditores que influenciam os resultados da aprendizagem. Entre esses fatores, destacam-se variáveis de natureza mais abrangente e outras mais específicas, tais como a *“origem social e demográfica dos estudantes, o tipo e a diversidade de recursos pedagógicos e de aprendizagem das instituições, o envolvimento institucional e o sentimento de pertença. Esses elementos, quando analisados em conjunto, oferecem uma ferramenta valiosa para a compreensão e aprimoramento do desempenho académico das crianças cabo-verdianas”* (Ferreira, Cardoso & Abrantes, 2013, p.29).

E este sentimento de pertença associado ao sucesso escolar é refletido na seguinte afirmação *“isso marcou-me para sempre e vi logo que eu sou diferente como toda a gente, mas quando a professora disse isso eu vi que realmente eu tinha capacidades para terminar os estudos e a partir daí vi que evolui.”*

## **Tema 5 – Efeitos Psicológicos da migração**

Neste tema, os objetivos eram: a) Compreender o papel das vivências da cultura de origem na manutenção de emoções positivas; b) Identificar fatores protetores e fatores de risco, na perceção de um participante oriundo de Cabo Verde; e c) Compreender a influência da família neste processo de adaptação.

Das respostas do participante surgiu a categoria Identidade e as subcategorias Aceitação cultural e Emoções.

Das afirmações do participante é possível concluir que a integração cultural pode ser um processo difícil – *“Eu, em determinado período da minha vida na adolescência, não queria ser africano, não queria ser preto porque aqui em Portugal é mau ser isso”*, prolongado no tempo – *“Eu, no auge dos meus 35 anos, ainda não me consegui identificar*

*com a cultura europeia, com a cultura portuguesa, porque eu me sinto cabo-verdiano”, ambíguo – “Por que sou preto, mas não quero ser preto? Sou africano, por que quero ser europeu se eu não sou europeu?” e possivelmente sem um fim determinado “Acredito que pessoas mais velhas do que eu, que vieram de Cabo Verde ou que nasceram cá, ainda não descobriram a sua identidade”.*

O participante revela sentimentos negativos face a esta necessidade de definição de identidade *“99% das pessoas ainda vive com esse conflito” e “Tens que estar constantemente a provar para as pessoas que tu és um bom africano”.*

Assim, a integração cultural e aceitação por parte da cultura dominante, a par do domínio da língua, parecem ser os fatores de risco *“Após ter superado o obstáculo da língua, foi esse provar o meu segundo obstáculo”.*

As emoções, associadas a este processo de integração, variam entre, numa primeira fase, *“Chorar com saudades da minha avó que deixei em Cabo Verde, porque ela foi minha responsável”* até algo mais profundo e atual como *“dei conta que tenho que ser duas a três vezes melhor para ser aprovado, sempre melhor”.*

Neste caso em particular, o participante afirma *“que realmente valeu a pena e fui feliz em toda esta caminhada.”* mas que a resiliência necessária para se chegar a um nível de bem-estar e equilíbrio, não está acessível a todas as pessoas.

## **Considerações finais**

Portugal, atualmente, é um país que apresenta a sua rica natureza multicultural, com crianças de origem estrangeira e filhos de imigrantes, convivendo num ambiente escolar, onde existem diversas línguas e culturas. Assim sendo, é importante reconhecer e respeitar a cultura das crianças como parte integrante de sua identidade e experiência de vida. Ao apoiar as crianças migrantes durante o processo de integração, é essencial oferecer espaços seguros para expressar suas memórias, experiências e sentimentos, enquanto se promove um ambiente inclusivo que valorize e respeite sua diversidade cultural e emocional.

Este trabalho foi uma forma de se homenagear todos os meninos e meninas que, ao chegarem de Cabo Verde, se viram confrontados com situações menos positivas e que marcaram a sua infância. E é também uma forma de fazer as pazes com a criança que a autora foi, e dizer àquela professora, no 2º ano, que a chamou ao quadro, a humilhou em frente aos colegas e a agrediu, que a sua atitude de intolerância lhe deixou uma cicatriz profunda. Todas as situações por que passámos devido ao nosso sotaque, mesmo em idade adulta, todas as brincadeiras por não pronunciar bem "carro" e "rato", por mais bem-intencionadas que fossem, foram sentidas com ridicularização e desrespeito pela nossa cultura e língua. A interculturalidade está longe de ser uma realidade, mas a realização deste trabalho é a prova de que somos tão capazes como qualquer indivíduo da cultura dominante.

## **Identificação de melhorias e possibilidades de investigações futuras**

Neste trabalho, foram apresentadas experiências pessoais, contudo numa investigação futura, poder-se-ia adotar uma abordagem qualitativa mais profunda. Isso incluiria a realização de entrevistas com pais, professores e grupos de crianças imigrantes, num estudo intergeracional, com o objetivo de explorar as experiências de forma mais detalhada e abrangente. Simultaneamente, seria investigado como a interculturalidade e a valorização da diversidade cultural influenciam não apenas o desempenho escolar, mas também o bem-estar emocional e a autoestima das crianças emigrantes, para destacar a importância de ambientes escolares inclusivos. Por outro lado, seria importante investigar os programas específicos de apoio à integração escolar de crianças emigrantes, como programas de língua e cultura, ou grupos de apoio, podermos saber quais são os apoios oferecidos e bem como podem ser adquiridos.

Por fim, espera-se que esta investigação tenha contribuído para uma compreensão mais profunda das experiências e desafios enfrentados por crianças imigrantes em contexto escolar, principalmente aquelas para quem é esperado que saibam comunicar em português. Realizar esta investigação promoveu um desenvolvimento pessoal e profissional, que permitiu, também, à autora enfrentar-se a si mesma e que esperamos poder transmitir às gerações futuras.

## Referências Bibliográficas

- Abrantes, P., & Roldão, C. (2019) The (mis)education of African descendants in Portugal: Towards vocational traps *Portuguese Journal of Social Science*, 18(1), (pp27-55). DOI: 10.1386/pjss.18.1.27\_1
- Almeida, L., & Flores, C. (2017). Bilinguismo. In M. J. Freitas & A. L. Santos (Eds.), *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português* (pp. 275–304). Language Science Press.
- Albino, S. (2021). O Português Língua Não Materna no currículo nacional: Trajetória de uma política educativa. *Journal Indagatio Didactica*, 13(2). <https://doi.org/10.34624/id.v13i2.25512>
- Araújo, S. (2008). *Contributos para uma educação para a cidadania: professores e alunos em contexto intercultural*. Editorial do Ministério da Educação.
- Batalha, M. A. (2004). O papel das relações de poder na construção de preconceitos entre grupos sociais. *Revista de Psicologia Social*, 23(3). (PP.445-458).
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Bialystok, E. (2017). E., McBride-Chang, C., & Luk, G. (2005). Bilingualism, language proficiency, and learning to read in two writing systems. *Journal of Educational Psychology*, 97(4), (pp.580–590).
- Boléo, A. (2018). *A importância da formação intercultural para a docência de Português Língua Estrangeira/Língua Segunda a adultos, em contexto de ensino superior*. [Tese de Doutoramento, Universidade Aberta]. Repositório Aberto da Universidade Aberta. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/7729>
- Boléo, A., & Dourado, R. (2019). *Por Falar Nisso – Manual de Expressão Oral de Português Língua Estrangeira. A1 a C2*. Lidel. ISBN: 978-989-752-436-3 <https://m.lidel.pt/pt/catalogo/portugues-europeu-lingua-estrangeira/exercicios/por-falar-nisso/>
- Boléo, A. (2023). Oralidade no ensino de Português Língua Não Materna: Documentos de Referência e Diferenciação Pedagógica. In *Revista Palavras n°60-61*, Associação de Professores de Português, (pp.81-98). DOI:<https://doi.org/10.61248/palavras.vi60-61.171>

- Bosi, E. (1987). *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. Edusp.
- Bronfenbrenner, U., McClelland, P., Wethington, E., Moen, P., & Ceci, S. J. (1996). *The state of Americans: This generation and the next*. Free Press
- Caldeira, P. A. M. (2012). A imigração em Portugal: *O português, língua de acolhimento e as problemáticas da identidade linguística e cultural* [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]., Repositório Aberto da Universidade Aberta.  
<http://hdl.handle.net/10451/9931>
- Cardoso, C. (1996). *Educação Multicultural: Percursos e Práticas Reflexivas*: Texto Editora.
- CARDOSO, Carlos (1998) - "Relação: Mesa Redonda sobre Ensino Básico e Desenvolvimento local no Arquipélago dos Bijagós (30-1/1-2, 1998)". Bubaque, FASPEBI (mimeografado).
- Carling, J. (2001). *Aspiration and ability in international migration: Cape Verdean experiences of mobility and immobility*. University of Oslo.
- Correia, A. I. (2019). *Gestão de emoções: Para professores e educadores - 45 Exercícios Práticos*. Livros Horizonte.
- Costa, J. ; Santos L.; Neto-Mendes, A. (2003). Gestão pedagógica e lideranças intermédias na escola: estudo de caso TEIP do Esteiro, in *Territórios educativos de intervenção da Ação educativa*. Instituto de Inovação Educacional,. (pp.83-104).
- Correa, L. M. S. (1999). Aquisição da linguagem: uma retrospectiva dos últimos trinta anos. *DELTA: Documentação De Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada*, 15(PP.339–383). <https://doi.org/10.1590/S0102-44501999000300014>
- Cortesão, L. (2000). *Ser professor: um ofício em risco de extinção? Reflexões sobre práticas educativas face à diversidade, no limiar do século XXI*. Edições Afrontamento.
- Creswell, J.W., & Plano Clark, V.L. (2013). *Designing and conducting mixed methods research*. BMJ Publishing Group.
- Dias, H. (2008). Português europeu língua não materna a distância: (per)cursos de iniciação baseados em tarefas. Especialidade: Língua Portuguesa – Comunicação e Tecnologias, Universidade Aberta.  
[https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3281/1/Tese\\_Doutoramento\\_Helena\\_Dias.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3281/1/Tese_Doutoramento_Helena_Dias.pdf)

- Edwards, J. (2006). Foundation of Bilingualism. In T. K. Bathia, & W. C. Ritchie (Eds). *The Handbook of Bilingualism* (pp. 7-11) Blackwell Publishing.
- Erikson, E. H. (1980). *O ciclo de vida completo*. Artes Médicas.
- Ferreira, M., Cardoso, A. P. & Abrantes, J. L. (2013). Fatores preditores do sucesso escolar no ensino secundário. In L. Veloso & P. Abrantes (Org.), *Sucesso Escolar – Da compreensão do fenómeno às estratégias para o alcançar* (pp. 29-58).
- Gomes, D. A. (2000). *Cultura Organizacional comunicação e identidade*. Martins Fontes.
- Góes, M. C. (1991). A natureza social do desenvolvimento psicológico. In: *Cadernos CEDES*, nº. 24.
- Hall, S. (2013). *Da diáspora, identidades e mediações culturais*. Editora UFMG.
- Haugen, E. (1953). *The Norwegian language in America: a study in bilingual behavior*. University of Pennsylvania Press.
- Piaget, J. (1957). *Biologia e conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos*. Grupo editorial Summus.
- Kohlberg, L. (1960). *Psicologia del desarrollo moral*. Desclée de Brower.
- Leite, C. (2003). *A formação de professores em Portugal e a Declaração de Bolonha. Presentation*. Reitoria da Universidade de Aveiro.
- Masten, A. S. (2011). Resilience in children threatened by extreme adversity: Frameworks for research, practice, and translational. *Development and Psychopathology*, 23(2), (PP.141-154).
- Martins, E. (2019). Integração escolar dos alunos cabo-verdianos no 1.º ciclo ensino básico português - estudo de caso. *Revista Inter Saberes*, 14 (32), (pp.334-348).
- McLaren, P. (2012). *La Pedagogía Crítica Revolucionaria y los El socialismo y los desafíos actuales* (pp. 134-147) Ediciones Herramienta.
- Mendes, A. F. (2005). *Referencial para o ensino em portuguesa língua segunda em Cabo Verde no contexto da oficialização da língua cabo-verdiana* [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa], Repositório Aberto da Universidade de Lisboa.  
<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/486>

- Parisotto, A. L. V., & Rinaldi, R. P. (2016). Ensino de língua materna: dificuldades e necessidades formativas apontadas por professores na Educação Fundamental. *Educar em Revista*, (pp.261-276).
- Nogueira, M. L. M., Barros, V. A. de, Araújo, A. D. G., & Pimenta, D. A. O. (2017). O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12 (2), (pp.466-485).
- Oliver, D. G., Serovich, J. M., & Mason, T. L. (2005). Constraints and opportunities with interview transcription: Towards reflection in qualitative research. *Social Forces*, 84(2), 1273–1289. doi:10.1353/ sof.2006.0023
- Omisilê Justino, A. (2022). "Pode bater": reflexões sobre crianças, cuidados e castigos em Praia, Cabo Verde. *Etnográfica*, 26(3), (pp.1-21). DOI: 10.4000/etnografica.12473
- Patton, M. Q. (2015). *Qualitative Research & Evaluation Methods: Integrating Theory and Practice*. Sage Publications.
- PorData. (2021). População estrangeira – nacionalidades. População estrangeira residente: total e por enquadramento legal. [http://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de Consulta/Tabela](http://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela)
- Rutter, M. (2011). Implications of resilience concepts for scientific understanding. *Annals of the Academy of Sciences*, 1094, (pp.1-12).
- Seabra, T. (Coord.). (2016). *Caminhos escolares de jovens africanos (PALOP) que acedem ao ensino superior* (Vol. 57). Coleção de Estudos. Observatório das Migrações.
- Seabra T. & Abrantes P. (2016). *Incursões na sociedade educativa.*, Editora Mundos Sociais.
- Seabra, T. (2010). *Adaptação e Adversidades: O Desempenho Escolar dos Alunos de Origem Indiana e Cabo-verdiana no Ensino Básico*: ICS - UL.
- Silva, P. (2003). *Escola-família, uma relação armadilhada: interculturalidade e relações de*

*poder*. Edições Afrontamento.

Silva, I. (coord.), Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escola*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.

Spindola, T., & Silva Santos, R. (2003). Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 37(2), (pp.119-126)

Tinoco, R. (2004). Histórias de vida: *Um método qualitativo de investigação: O portal dos psicólogos*.

[https://www.researchgate.net/publication/326655330\\_Historias\\_de\\_Vida\\_-\\_um\\_metodo\\_qualitativo\\_de\\_investigacao](https://www.researchgate.net/publication/326655330_Historias_de_Vida_-_um_metodo_qualitativo_de_investigacao)

## Apêndices

## Apêndice I - Transcrição em crioulo

- Investigadora Boa tarde, desde já em tá agradeçi facto di bo ter aceiti nha convite pa bo conta bo história de vida, di canto bo bem di Cabo Verde pa Portugal. Bo mesti pa no fala na qui língua?
- Participante Bom, mi em tá xinti a vontade tá fala na crioulo eu, pamo em tá pensa na crioulo. Aliás, em tá respira na crioulo, mi pá... quando mi em tá fala na crioulo, em tá pensa um único bez só, em cá mesti pensa dos bez. Mas pa em papia português tem qui pensa canto bez, em tem qui usa Nha pensamento, inda escodji qui palavra quim podi uza, mas na crioulo tá fluem midjor e como nhas recorason é tudo na crioulo, assi é midjor e cá tem nenhum transformason.
- Investigadora bo mesti pam fazi um pergunta po podi começa tá contano bo história di vida? .
- Participante Não. Em podi começa tá conta dez di quim bem di Cabo Verde pa Portugal.
- Investigadora Desculpa em cortau mas bo tinha canto ano na altura?
- Participante Mi em bem co 5 anos, em bem na ano 94, no está na 2024 e djam tem 30 ano li, canto bem pa li foi tudo mutto estranho, quês prometo 6 mês li foi só txora , txora co saudadi nha avó, pamodi El qui era nha responsável, pamodi nha mãe deixam co três ano pa embarca pa portugal pa busca midjores condison di vida, enton em fica sempre co nha avó por isso quel separação la foi difícil di supera, aliás, pa supera passado um ano ou dos, nha mae lebam pam bai torna odjal. Nha início li foi atribulado pamodi em bem e em tá morava na barracas num bairro social qui txoma Barronhos, na Carnaxide.
- Tá txobia dento casa, em podi flau ma condições cá era os midjor, em podi fla ma era pior di quês qui no tá tinha na cv, em demo pamodi casas, mas na questão di alimentos e roupa era rico, ou seja, midjor.
- Pá, em bem na altura qui tá binha poucos crianças di Cabo Verde, mas é bom lembra qui na nos bairro só existia cabo verdianos, tinham um a dos santomenses, um ou dos angolanos. , mas nós no lidába só entre nos, então crianças qui nasci li, ta fazia troça de nós pamodi di nos maneira di fala, di manera qui no ta bisti, e di nos manera di agi, enton em passa muito cuzas, inda em passa pa txeu cuzas pa em consigui ses amizade, foi duro.
- Pesquisadora Bo podi flam um pouco quando qui foi bo primero contacto co português?
- Participante Nha primeiro contacto, em tá lembra mas no tá moraba na casas qui era tudo colado na companheiro, mas em demo, no era tudo família, mãe, pai, irmãos e primos co tios. E tinha um sobrinha di nha pai qui tinha um filha, e nós no tinha tudo a mesma idade, enton e tinha um irmã mas piquinoti. Em tá lembral tão bem qui tá parci me hoje, em estava na porta di casa di nha prima, es ata falaba português, quel mas piquinoti ata flaba dói-dói e mas cusas qui na altura em ca ta intendeba nada jurro mesmo. Mas claro qui dispertam curiosidade e em pergunta qui língua era quela, em fla cre é lingua

- di bebé dja qui el é bebé deve ser mesmo . Em pergunta em pergunta ti qui alguém flam é ata papia português. E logo foi nha primeiro contacto co portugues panodi na nos bairro no ta fala so crioulo. E dipos foi na escola, mas era portugues so dento sala di aula, pamodi fora sala era so crioulo pamodi maioria di nos era alunos cabo verdianos.
- Investigadora Goci flam qual foi desafio na inicio pa tenta comonica co alguêns na português, dja co fla mota papia português so na sala di aula, qual foi uimpactos qui tivi na bo vida?
- Participante Epá, podi flau ma impacto foi negativo dja qui 90% di nha tempo em ta falaba crioulo queluto 5 % qui nem ca ta txiga moto dreto 5 % na sala di aula em ta ficava so calado pamodi so em fala dja era motivo di gozo di parti nhas colegas. Como em fla na início mi em ta pensa em crioulo, dipos em ta transformal na português pam podi papia, mas foi difícil, foi difícil pamodi quel pouco contacto quim ta tinha co crioulo! Desculpa, co português é só na sala de aula, quando em ta bai pa casa ninguém ca ta fala co mi português, nada é so mi co televisão em ta obi ta papia e em ta tenta percebi, pamodi crioulo é parcido co português, enton mi so em ta tenta pam podi esquiva di gozos quim ta passa na escola co frequência, pam fuji pam tenta fala, um munti bes em ta cre papia e em ca ta papia, mesmo qui respostas esta certo, mas em ca ta flaba pes ca gozam.
- Pesquisadora Enton bo ta xintia vergonha?
- Participante Sim, pamodi vergonha.
- Pesquisadora Certo, mas qual era papel di professora? Dianti di quel situaçõn li, pamodi bo fla mo ta fica calado na sala pamodi vergonha po ca fazedo troça, e professora ca ta interferiria ou ta seguia co aula?
- Participante Nau, primeros professores, ca ta interferia co nada, é ta dexaba nos pa lá. Es ta Prosseguia co aula quem qui prendi prendi quem qui ca prendi aprendesse pronto. haaa, mas em passa, em ca sabi si era permitido na altura era permitido chumba alunos ou não, mas mi em ca reprova, mi em passa co tudo dificuldade.
- Pá! Dificuldade permaneci na 2 ano, lá pa tercero classe qui em começa ta solta, mas qui em começa ta liberta.
- Pesquisadora Ou seja, ta evolui co língua e pa aceita país?
- Participante Sim pamodi pensava pa dento, quando em txiga casa em ca tem ninguém pa djudam ta fala português, nem na bairro nem primos, nem nenhum familia, na escola é só o professor, em fla em tem qui prendi di mi pa mi e co televison, le pam fazi exercicios pam podi tra pé des armadura caso contrario mi em ca ta evoluía.
- Pesquisadora E bo anda na pré-escolar?
- Participante Em ca txiga di na pré-escolar nem li nem na Cabo Verde, mi co nha irmon mas bedjo três ano di diferença di um ano no bem di Cabo Verde, el é ta bab pré-escolar, mas mi em ta fica casa co nha avó. Depos quando em bem di Cabo Verde pa Portugal, mi quim txiga li co 5 anos e nhas pais flam pa em ca bai pa pré-escolar, e tambémna quel tempo ca tinha moto opçon pa pré-

- escolare, ou ta pagada ou enton em ca sabi, enton em fica na casa co nhas primos di nha idade, nu era uns três ou quatro criança e pronto em ca bai ama nem pré-escolar, nhas pais espera pam entra logo na primero classe.
- Pesquisadora Certo, mas na bairro undi bu ta ficaba co bos primos ca tinha nenhum adulto responsável pa nhos?
- Participante por vezes não, al vez tinha uns vizinhos qui ca ta trabadjaba, ou as vez es estaba doenti e es tinha di fica na casa, ou mesmo quês alguem idosa, é esses qui ta vigiaba nos, nos pais ta bai trabadja cedo e nos no tinha qui fica na casa,as vezes no tem qui fica co nos irmons mas bedjpo qui ca bai trabadja ou escola nos era um comunidade, na quela foi bom.
- Pesquisadora Ou seja, a comunidade abraçau, ca foi fácil co língua portuguesa, mas na lado di integração co comunidade foi bom!
- Participante Nós era todo unidos, nós era mesmo um comunidade! Nos casas era tudo colado na companheiro, ca no tinha um jardim qui ta daba acesso na tudo casas era porta aberta para todo alguém. Quela foi mesmo um bom adaptação li di Portugal.
- Pesquisadora No podi volta um coxi pa traz? Pa no torna papia sobre escola, bu fla ma bu era motivo di chacota pa parti di bos colegas. Bo ta lembra di um momento qui ficau na memoria até hoje?
- Participante Não, em ta lembra di tudo di todo nitidamente, ma quel mas marcante foi dia qui no bai visita di estudo, nha mãe bistim um coleti di peli co camisa , dja passa canto tempo, mas até dias di hoje es ta goza co mi, passa 5 ano 10 anos e es ta continua só pamodi em leba camisa co coleti peli, ta co um bota, que di primero bes qui nu bai joga bola em ca tinha nem chutera nem sapato adequado pa djoga bola. Enton primero bes qui mi co nha irmon no bai joga bola di bota es bira ta gozано ate dias di hoje es ta gozано.
- Pesquisadora certo, mas na meio di tudo quel brucu brucu li crianças era di comunidade africana ou era portuguesesis?
- Participante 90% era do mesmo bairro, mas maioritariamente era cabo verdianos, pamodi escola ta ficaba na maio di bairro social, e na la era mas cabo verdianos, tinha alguns portugueses, mas era pouco.
- Pesquisadora Bo fla ma es ta gozaba co bo pamodi lingua ou pa bistimenta quês crianças era cabo verdianos!
- Participante Sim era crianças cabo verdianos qui nasci li, sima es nasci li logo es ta pensa ma es é midjor qui quês qui ta bem di Cabo Verde, pamod la na cv no ca tem condiçon.
- Pesquisadora Mas bo ca tinha nenhum a migo co podia abarça e ter si apoio?
- Participante Sim, tinha, e realmente eem tinha um amigo ca ta gozaba co mi e é acolhem, pamodi tambe es ta gozaba col por e ser um coxi gordo, mas é acolhem, então, dja no uni nu passa ta bai casa compahero e dipos bem mas um no fica no três! ficávamos os três!si um lutaba tudo ta djunta, por isso quel amizade li salvam pamodi sinão em ca sabi modi qui era.
- Pesquisadora Bom, qui estratégias bo utiliza pa supera barreras qui bo passa?
- Participante Bom nha mae co nha pai sempre ta flaba nos, djs nu tirar nhos di Cabo

Verde pa Portugal go nhos tem qui estuda é nhos trabadjo, mas ta fla era nha pai. Quela entra na nha cabeça logo em fazi queston di estuda, estuda, estuda e dipos la pa nha 5º/6º ano dja em ta xintia um pouco mas intiligente qui nhas colegas quês alguém qui ta gozaba co mi que em em ta didicaba mutio tempo na estuda, logo professores gostaba di mi.

Pesquisadora Em ta acredita pamodi bo empenho bo garra e dedicaçon, ou seja, o facto di bo ser esforçado, mesmo co ca ta percebia português?

Participante Sim, sima quês ta odja algo espicial na mi, em ta lreembra di um situaçon na sexto ano foi no sexto ano, mi co quês alguém qui ta gozaba co mi no fica mas próximos e es para di gozan, mas no ta gozaba co quês alguém qui binha di Cabo Verde na quel ano.

Pesquisadora Enton ta bo entra na ses jogo.

Participante Não em ca entra tanto, mas em tinha qui fica unido cos pes ca goza co mi djunto co criança recém-chegada di Cabo Verde, pam ca torna ta sufri tudo di nobo. Mas vá djam estaba adaptado, em ta llembra di um estora di matemática, tudo nhas colegas ta portaba mal na sala di aula, mas mi nau pamodi dento sala era um cau religioso, na recreio em podia porta mal mas na sala nau.

Em comea porta mal stora fla “não bo não, bo bo ca podi ! bo ca podi porta sima es ta porta”.

E quel cuza la marcam logo em odja ma mi é diferente em demo nos tudo é diferente ni mas quando stora flam ma quim odja ma realmenti em tinha capacidade di caba estudos.

Pesquisadora Nu volta tras pa ponto qui bo fla mas bo premdi bo só, qualquer família ou companhero?

Participante Exatamenti so cuzas qui escola ta inxibnaba mi, so em sai di escola ca ta tem mas nenhum contacto co português ou co aprendizam tipo cultura geral é so crioulo e ptonto. Mal em sai di escola em ta voltava ta nada na nha cultura tipo qui no esta na Cabo Verde, pamodi é tudo comunidadi Cabo Verdiano não ca tem mas nada alé di quela .

Pesquisadora Bos pais ca ta falaba co bo crioulo? Ou es ca tinha conhecimento co língua?

Participante Ate dia di hoje nha mae ca ta fala portugues, ma pronto.

Participante Nha pai esta li des di si 16 anos e é ta fala portugues fluente, nunca no ca ta troca palavra na portugues, bom so na caso di no tem alguém qui nta fala so portugues na nos lado dja no ta comunica na portugues qui é pa alguém qui esta la intendi, quando no esta so nos dos ou co otos cabo verdianos no ta ratxa so crioulo, mas nha pai ta fala so crioulo co nhas oirmon mas nobo qui naxi li, es ca ta papia crioulo apesar di nha irmons intendi tudo.

Pesquisadora Ton mas exiti distinçon natural co bos irmon qui nasci li e tevi contacto co portugues! Ento bo pai difini ba tinha qui papia co bo crioulo e cos portugues.

Participante Sim abo quela é um cuza qui fdivoia ser ocontrario, em demo é podi papia co mi portugues e co nhas irmon crioulo.

- Pesquisadora Ebos irmon ta intendi crioulo?
- Participante Sim, es ta papia cruoulo mesmo quês nasci li pamodi na comunidade é so crioulo! Mas quela é bom pes conxi ses cultura e ses raiz, ta fazi dreto ta.
- Pesquisadora Bo podi flam modi qui quel experiencia li intirfiri co bo identidade cultural? goci bo tem trinta e?
- Participante Em tem 35 ano, mi na auge di nha 35 ano inda em ca ta consigi identifica co cultura europeu ou seja co cultura portugues pamodi mi em ta xinti aboverdiano e dispôs em começa ta le em passa ta intendi mas cuzas e ta tem perceson di cuzas di nha valor di ser africano! Pamodi des quim bem di cvabo verdi li na portugal es ta desvaloriza facto do ser africano. So for africano bo é logo inferior logo em fla nau ca possuivel, dja gop isso ca ta incomodam mas si es fla ma africano é inferior pamodi djma sabi nha real estória é cal.
- E claro mi, na certo priodo di nha vida adolescente em ca cris ser africano em ca cria ser preto pamodi isso era mau!
- Ma dipos dipos em ta para em ta fla nau mi é preto em ca podi pensa si, mi é preto pamodi quim ca cre ser preto mi é africano não europeu?
- Mas foi uns quatro a cinco ano di confuson, em vivi mesmo confuso, e em tem certeza ma tem mas alguém mas bedjo qui mi qui bem di Cabo Verde ou qui nasci li cá qui é africano inda es ca discubri ses idenridade enton inda es esta naconflito interno. Mas mi djam resolvi, mi é africano e em ta vivi normal, mas djam ca tem mas conflito la mas 99% di alguém ta vivi inda co quel conflito la.
- Pesquisadora Certo, em ta cridita ma quel fazi la ca foi nada fácil pa bo! Bo ta consigi conta bos principal conflito na quês ano? Ti co txiga li?
- Participante Nha grandi desafio foi lingua, mas dipos di um tempo ca foi mas pamodi ta dipendi txeu di mi, nha maior desafio goci é prova! Bo tem qui esta sempre na constanti provas po prova alguém qui bo é bom africano, pa europeus! Alguém tem qui esta constantemente vida intero tudo dia ta prova ma bo é bom ma bo é diferente di quês oto.
- Bo tem qui pensa bisti fala como es, bo tem qui corta cabelo sima es cre, demo bo tem qui tem aparência quês mesti pes podi fla ma é bom africano, ma bo ca é nem bandido qui fari assassino e nha principal luta é quela.
- Dispôs quim suopera língua bquela foi nha segundo obstáculo, mas goci cuzas esta midjor pamodi dja tem aceitaçon.
- Tivi uns tempos quim fica sem trabadja dja em passa ca ta poi foto na currículo pamodi es ta bota quel hor, so pamodi nha cor di peli.
- Bo podi tem bom currículo, si es baio ia pa cor es ca ta txoma. Dja nha currículos passa ta ser sem foto, e em da conta ma alem des pou sempre na prova bo tem qui ta ser dos ou três bez midjor por sere aprovado. Nunca bo ca ta xinti relaxado p aflado em esta seguro, bo tem qui esta sempre sobrpreson.
- Pesquisadora Quelora bo fla ma bo consigui prendi portugues praticamente bo só? Sem

- alguém pa fala portugues?
- Participante Sim nha meio doi prendi era txiga casa e oia tilivison na dizenho ta papia portugues, dja em ta tenta intendi ti ta. Foi muito difficil, ma em ta considera qui foi gradi vitória moh prendi ta papia portugues apisdar di tudo barrera. Goci em ta considera ma em ta fala bom portugues apesar di ca ser preciso, basta bo fazi alguém percebi bos ideiasno ca tem qui papua como Camões, basta bo tem um bom comunicason, po transmiti bos ideas di um forma direto
- Pesquisadora Exato, em ta concorda interamente co bo afirmacon, co tudo quel percusro qui bo passa ! Qui impacto tivi na bo vida atualmenti?
- Participante Bom modi quim podi avalia! Bom tudo processo quim passa ti li des di gozo, e tudo força quim bai busca na quel cuza la negativotodop sudadi pamodi em dexa alguém quirido na Cabo Verde tudo apoio nhas pais, todo nha caminhada em ta oi pa trás em ta fla ma bali pena, mesmo asi em foi filiz nes caminhada.
- Pesquisadora No podi fla ma foi necessário!
- Participante Sim, foi necessário quela qui tornam forti hoje, em ta continua ta trena pa fica mas forti pa poi di lado cuzas qui ca ta fazem bem,pá foi necessário extremamente necessário porque tudo qui contici na nos vida é necessário mesmo sendo negativo. Apisar di pa mi ser necessário, bai busca tudo cuza negativo em pol di um manera positivo, ta odja p atras em podi fla ma em foi filiz na geral, nunca em padece graças a nhas pais e tambi na outos fator, em ta considera vitorioso.
- Pesquisadora Sim,um alguém forte como bo propri bo ta fla, pos, supera barreras linguísta e cultural era um mison, pa hoje bo ser es home vitorioso.
- Participante Sim, em é um alguém co cabeça estavel, sentimento estável e principalmenti si no conxi nos mesmo. Ainda em ca consegui, prendi ta controla nhas sentimentos, ca dexa desencadea sentimento diante açon di outro alguem.
- Pesquisadora Bom pa termina em cre pergunta si bo tem algum consedjo po da crianças qui esta na mesmo situação qui bo estevi ?
- Participante Pá, consedjo é pa pais di quês crianças qui nasci li Portugal, pa da ses fidjo consedjo pa evita fazi quês loto crianças xinti mal, pamodi dja é mau sai di undi bo naci e bo cria p abo bem busca vida midjor condison di vida, pior inda bo txiga alguém fazeu txocota. Quela é pior sensason.  
. bo ser gozado ou não es comprimentão ou não quela ca ta dipendi di nos. Cuza qui ta dipendi di bo é foco na cuza qui bo bem fazi, si bo bem estuda foca na estuda e dja tenta prendi língua o mas faxi possível.e ta pe ca associa co algum qui ca cres bem.  
Canto em bem pa Portugal em tinha 2 ou 3 amigos qui gostaba di mi,mas ta em tinha mas di 50 qui ta puxaba pa mi,s opa gozam, portanto, epá, es tem qui ser forti principalmente pes ca entra em depreson pamodi quês cuzas la. Pamodi tem txeu crianças qui ca ta cre bai escola.

- Pesquisadora Bo cre conta mas é algun coza co ta lembra?
- Participante Não, dja esta bom!
- Pesquisadora Bom em cre agradeci pa bo ter aceite nha convite, e claro qui bo é um homi forte.
- participante Na mi qui ta agradeci pa convide.

## **Apêndice II - Transcrição em português**

- Investigadora Boa tarde, desde já agradeço o facto por ter aceiteado o meu convite para contar a sua história de vida, relativamente à sua vinda de Cabo Verde para Portugal. Sente-se à-vontade para falarmos em que língua?
- Participante Bom, eu sinto-me mais à vontade em falar em crioulo, porque eu penso em crioulo. Aliás, eu respiro em crioulo, eu pá... quando falo crioulo, penso uma única vez só, não preciso de pensar duas vezes. Mas para falar português tenho de pensar duas vezes, pois tenho de utilizar o pensamento e ainda escolher palavras certas para implementá-las, mas em crioulo fluem melhor e como as minhas recordações são todas em crioulo, assim é melhor e não tem transformações.
- Investigadora Não sei se quer uma pergunta de arranque para poder começarmos a falar sobre a sua história de vida.
- Participante Não. Eu posso começar a falar desde que vim de Cabo Verde para Portugal.
- Investigadora Desculpe cortá-lo o raciocínio e tinha quantos anos?
- Participante Vim com 5 anos, vim em 94, estamos em 2024 e já tenho 30 anos aqui, quando cheguei aqui foi tudo muito estranho para já os primeiros 6 meses a minha vida foi só chorar, chorar com saudades da minha avó que deixei em Cabo Verde, porque ela que foi minha responsável, porque a minha mãe deixou-me com uns três ano por ai, teve que deixar-me lá ainda pequeno para poder imigrar a procura de uma vida melhor, e fiquei sempre com a minha avó e eu era muito ligado a ela e, por isso, essa separação foi muito difícil, aliás, para superar essa separação, depois, passado um ano ou dois, a minha mãe teve que levar me para Cabo Verde para ver a minha avó no início foi um pouco atribulado porque eu vim e vivia nas barracas num bairro que se chama Barranhos, em Carnaxide. Chovia dentro de casa, ou seja, as condições em que nós estávamos eram piores do que aquelas em que estávamos em Cabo Verde, por exemplo, pelas estruturas de habitação, mas em termos de alimentação e roupa era rico, ou seja, melhor.
- Pá, eu vim na altura que vim naquele tempo as pessoas que vinham de Cabo Verde eram poucas crianças que vinham, vale ressaltar que lá só existiam cabo verdianos era uma comunidade só de cabo verdianos ,

tinham um ou dois santomenses , um ou dois angolanos, tinha alguns cabo verdianos, mas nós só lidávamos entre nós, então as crianças que nasciam aqui, faziam troça de nós devido a nossa maneira de falar, devido a nossa forma de vestir, e da nossa maneira de agir, então passei muito por isso, passei um bocado até conseguir conquistar a amizade deles foi um pouco duro

Pesquisadora E já agora pode falar-me um pouco sobre o seu primeiro contacto com o português?

Participante O meu primeiro contacto, eu lembro-me que nós morávamos em casas que eram todas coladas umas nas outras, ou seja, eramos todos família a minha mãe os irmãos da minha mãe, o meu pai. E tinha uma sobrinha do meu pai que tinha uma filha e nos tínhamos as mesmas idades e ela tinha uma irmã mais pequena. Lembro-me tão bem como se fosse hoje, eu estava na porta da casa dessa prima, as duas irmãs estavam a falar português, a mais nova estava a dizer dói-dói e mais coisas que na altura não percebi nada juro nada mesmo, aí despertou-me curiosidade e perguntei que língua é essa, deve ser porque ela é bebé, então fiquei a perguntar a perguntar e disseram ela está a falar português e aí foi o meu primeiro contacto e um dos únicos no bairro porque lá só falávamos crioulo só crioulo. E depois na escola, mas era português só dentro da sala de aula, fora da sala é só crioulo porque nós eramos maioritariamente só alunos cabo verdianos.

Investigadora Agora diga-me quais foram os desafios iniciais ao tentar comunicar-se em português já que diz que só praticava o português dentro da sala de aula, quais foram os impactos?

participante Epá, os impactos foram negativos porque eu 90% do meu tempo falava crioulo os outros 5 % que nem sei exactamente se chega a ser 5 % na sala de aula que eu ficava só calado porque qualquer coisa que eu falasse era motivo de gozo da parte dos meus colegas e como disse inicialmente eu penso em crioulo, ainda agora penso em crioulo e depois transformo em português para poder expressar, mas foi difícil, foi difícil porque aquele pouco contacto que tenho com o crioulo! Desculpa, com o português é só na sala de aula, quando vou para casa ninguém fala comigo português, nada sou só eu e a televisão que oiço o que dizem então tento perceber porque o crioulo é um pouco parecido com o português, então eu sozinho tento que é para poder esquivar-me dos gozos que acontecem frequentemente na escola, para eu fugir para conseguir falar, por vezes tinha algo a falar na sala de aula, as perguntas estavam certas e eu não dizia porque gozavam-me.

Pesquisadora E sentia vergonha?

Participante Sim, por vergonha.

Pesquisadora Certo, mas qual era o papel da professora perante estas situações, porque você diz que ficava calado na sala por vergonha para não ser alvo de chacota, e a professora interferia ou simplesmente prosseguia com a

- aula?
- Participante Não, os primeiros professores, não interferiam em nada, deixavam-no para lá. Prosseguiam com a aula quem aprender aprende quem não aprender que aprendesse pronto. haaa, mas passei, não sei se na altura era permitido reprovar os alunos ou não, mas eu não reprovei, eu passei com todas as dificuldades.
- Pesquisadora Pá! as dificuldades permaneceram no 2 ano, lá para a terceira classe que comecei a soltar mais que comecei a libertar.
- Participante Ou seja, a evoluir com a língua e ao aceitar o país?
- Participante Sim porque pensava para comigo mesmo, quando chegar a casa não tenho ninguém que me ajude a falar português, nem no bairro nem primos, nem nenhum familiar, na escola é só o professor, ai eu disse tenho que aprender de mim para mim e com a televisão, ler para ir fazendo uns exercícios para que eu possa tirar os pé desta armadura caso contrario eu não evoluía.
- Pesquisadora Andou no pré-escolar?
- Participante Não cheguei a andar no pré-escolar nem aqui nem em Cabo Verde, eu e o meu irmão que é mais velho do que eu três anos viemos de Cabo Verde, ele ia ao pré-escolar, mas eu ficava em casa com a minha avó. Depois quando vim de Cabo Verde para Portugal, como cheguei aqui com 5 anos os meus pais optaram para eu não frequentar o pé escolar, e também naquele tempo não tinha muitos pré-escolares, ou era para pagar ou não sei, então fiquei em casa com os meus primos da minha idade, eramos uns três ou quatro crianças e pronto não fui a ama nem ao pré-escolar, os meus pais aguardaram e entrei logo para a primeira classe.
- Pesquisadora Certo, mas no bairro onde você diz que estava com os seus primos da mesma idade existia algum responsável adulto certo?
- Participante por vezes não, as vezes tinha os vizinhos que não trabalhavam, ou por vezes estavam doentes e tinham de ficar em casa, ou mesmo as pessoas idosas, é esses que nos vigiavam, os nossos pais iam trabalhar cedo e nos tínhamos que ficar em casa, acordávamos e por vezes os nossos irmãos mais velhos não iam trabalhar ou era uma comunidade, nisso foi bom.
- Pesquisadora Ou seja, a comunidade abraçou, não foi fácil com a língua portuguesa, mas em questões integração com a comunidade foi boa!
- Participante Nós eramos todos unidos, nós eramos mesmo uma comunidade! As nossas casas era todas coladas e tínhamos um quintal para três casas e era porta aberta para todos. isso foi mesmo uma boa adaptação daqui de Portugal.
- Pesquisadora Podemos voltar um pouco a trás? para falarmos sobre a escola novamente, disse que era motivo de chacota dos seus colegas, lembra-se de um episodio que ficou na memoria até hoje?
- Participante Não eu lembro-me de todo nitidamente, mas o mais marcante foi um dia que fomos a uma visita de estudo a um passeio, a minha mãe vestiu-me um colete de pele com camisa isso já passou quanto tempo, mas eu penso

que até hoje gozam comigo, passou 5 anos 10 anos e eles continuaram só pelo facto de ter levado a camisa e o colete de pele, eu também tinha uma bota, que da primeira vez que fomos jogar a bola e eu não tinha nem chuteiras nem sapatos adequados para jogar a bola. A primeira vez foi jogar a bola com botas eu e o meu irmão e isso até hoje ainda gozam connosco gozam connosco pelo facto de termos ido jogar a bola com botas.

Pesquisadora certo, mas no meio disto tudo as crianças era da comunidade africana ou era portuguesas?

Participante 90% era do mesmo bairro, mas maioritariamente era cabo verdianos, porque a escola ficava no meio de um bairro social, e esse bairro social era maioritariamente só africanos, tinha alguns portugueses, mas era pouco.

Pesquisadora Então e diz que quando gozavam consigo quer por questões de linguagem quer pela vestimenta essas crianças eram cabo verdianos!

Participante Sim era cabo-verdianos nascidos cá e como nasceram cá as crianças quando nascem cá julgam-se melhores quando do que as crianças vindas de Cabo Verde

Pesquisadora Mas não tinha nenhum colega ou amigo que o abraçasse que você podia

Participante Sim, tinha, tinha e tem sempre aquelas crianças que nascem aqui acham se superiores as crianças que vem de Cabo Verde porque aqui tinha tem mais condições , e realmente tinha um amigo que nunca me gozava e ele me acolheu, porque gozavam com ele também Por ser meio gordo e gozavam com ele tanto como gozavam comigo, então, nós unimos e isso que me deu mais força e ficamos a ir à casa um do outro entretanto veio mais um para o nosso lado e ficávamos os três! se um estivesse envolvido em uma luta, lutávamos os três , e assim isso ´que salvou-me porque caso contrário eu não sabia como que eu iria estar!

Pesquisadora e que estratégias utilizou para ultrapassar essas barreiras?

Participante ou seja, a minha mãe e o meu pai frisavam sempre que nos retiraram de Cabo Verde agora que nos já estávamos em Portugal tínhamos o dever de estudar pois isso era o nosso trabalho, quem dizia sempre isso era o meu pai. Então isso entrou sempre na minha cabeça e eu sempre fiz questão de estudar, estudar, estudar e eu por vezes lá para o meu 5º/6º ano já me sentia um pouco mais inteligente do que aquelas pessoas que gozavam comigo e porque eu dedicava mais tempo aos estudos e maioria dos professores gostava de mim.

Pesquisadora pois acredito, pelo seu empenho garra e dedicação, ou seja, o facto de ser esforçado, mesmo que não entendia o português mostrava que queria aprender certo?

Participante Sim, é como se vissem algo em mim porque eu lembro-me tão bem de um episódio que foi no sexto ano, eu e os meus colegas tínhamos ficado mais próximos e daí não gozarem comigo, mas gozávamos com as pessoas vindas de Cabo Verde nesse ano.

- Pesquisadora Você então também acabou por entrar no jogo.
- Participante Não entrei tanto, mas tinha de estar unido a eles porque tinha de estar com eles para que não me metessem de lado juntamente com as pessoas recém-chegadas de Cabo Verde, para não voltar a sofrer novamente. Mas pronto aí eu já estava adaptado, lembro-me de uma professora de matemática, todos os meus colegas portavam-se mal na sala de aula, mas eu não porque para mim dentro da sala era religioso, no recreio podia portar-me mal, mas dentro da sala não.  
Então comecei a portar-me mal e a professora disse “não tu não, tu não podes! Tu não podes te portar como eles portam”.  
E isso marcou-me para sempre e vi logo que eu sou diferente como toda a gente, mas quando a professora disse isso eu vi que realmente eu tinha capacidades para terminar os estudos e a partir daí vi que evolui.
- Pesquisadora voltando ao ponto onde você diz que utilizou estratégias por si próprio, sem qualquer acompanhamento familiar sem terceiros assim dito?
- Participante Exatamente aquilo que a escola me ensinava e mal eu saísse da escola já não tinha nenhum contacto com o português ou com aprendizado de cultura geral é só crioulo. Mal eu saia da escola volto a navegar na minha cultura como se estivéssemos em Cabo Verde, porque é tudo comunidade cabo Verdiana não tem mais nada para além daquilo.
- Pesquisadora Os seus pais não falavam consigo português? Não tinham conhecimentos com a língua ou
- Participante Até a data de hoje, não falam comigo crioulo. A minha mãe até hoje não fala português, mas pronto.
- Participante o meu pai está aqui desde os seus 16 anos e fala o português fluente, mas nunca trocamos uma palavra em português, a não ser que tenhamos uma pessoa ao lado que não perceba crioulo aí já comunicamos em português que é para a pessoa conseguir perceber aquilo que falamos! Quando estamos só nos dois ou no meio de cabo verdianos, só falamos crioulo, mas o meu pai fala português com os meus dois irmãos mais novos que nasceram cá, não se comunicam em crioulo apesar dos meus irmãos perceberem crioulo
- Pesquisadora Então existe uma distinção natural eles nasceram cá, tiveram logo impacto com o português! e o seu pai definiu que com eles tinha de falar português e com você crioulo.
- Participante Pois e isso é algo que deveria ser reverso, ele podia falar português comigo e crioulo com os meus irmãos.
- Pesquisadora E esses seus irmãos falam crioulo? Percebem?
- Participante Sim, eles falam crioulo embora tenham nascido cá, mas na comunidade africana, eles falam crioulo! Isso é bom promover a cultura dar a conhecer um pouco das suas raízes, pois faz bem também.
- Pesquisadora podia dizer-me como que esta experiência influenciou na sua identidade cultural ao longo dos anos, agora diz que tem trinta e?
- Participante tenho 35 anos, e eu no auge dos meus 35 anos ainda não me consegui

identificar com a cultura europeia com a cultura portuguesa, porque eu me sinto cabo-verdiano e depois que comecei a ler mais que comecei a ter mais percepção das coisas comecei a entender o valor de ser africano, porque quando vim para Portugal, ou seja, ainda desvalorizam o facto de seres africano! Se fores africano és inferior e eu disse isso não é possível então estudei e, no entanto, isso já não me incomoda se disserem que os africanos são inferiores, porque já sei a real história e como que tudo é. E claro eu, em determinado período da minha vida na adolescência, eu não queria ser africano eu não queria ser preto, porque aqui em Portugal é mau ser isso!

Mas depois, por outro lado, eu paro e penso: não, isto não esta correto, porque que sou preto, mas não quero ser preto, mas sou africano porque que quero ser europeu se eu não sou europeu?

E isso durante uns quatro cinco anos deixou-me muito confuso, vivi mesmo confuso em relação a minha identidade e acredito que tem pessoas mais velhas do que eu que vieram de Cabo Verde ou que nasceram cá que são africanos ainda não descobriram a sua identidade ainda estão nesse conflito interno. Mas eu já resolvi, eu sou africano e vivo aqui normal, mas esse conflito já não tenho mais 99% das pessoas ainda vive com esse conflito.

Pesquisadora Certo, acredito que essa fase não tenha sido nada fácil para si! Consegue explicar os principais conflitos obtidos durante esses anos? Até chegar aqui

Participante O meu maior desafio foi a língua, mas a dada altura deixou de ser porque depende muito de mim, maior desafio até agora é o provar! Tens de estar constantemente a provar para as pessoas que tu és um bom africano, porque os africanos são todos maus na conceção dos europeus! uma pessoa tem de estar constantemente a vida inteira o dia inteiro a provar que és bom que és diferente dos demais, diferente daquilo que eles pensão.

Tens de pensar quase como eles querem tens que te vestir como eles querem, tens que cortar o cabelo como eles querem, tens que ter a aparência que eles querem para provares que és um bom africano, que tu não és bandido não és assassino e é essa a principal luta.

Após ter superado o obstáculo da língua foi esse provar o meu segundo obstáculo, mas agora as coisas estão melhores porque já existe a aceitação.

Teve uns tempos que estive sem trabalho e passei a não por fotos no currículo porque descartavam de imediato, pela minha cor de pele.

Pode se ter bom currículo, mas se forem a ver pela cor não chamam. então os meus currículos passaram a ser sem foto e dei conta que para além de te porem sempre à prova dei contas que tenho de ser duas a três vezes melhor para seres aprovado sempre melhor. Nunca relaxas para dizer sinto-me seguro aqui, não tens que estar sempre sob pressão.

- Pesquisadora Como disse a pouco conseguiu aprender o português basicamente sozinho? Ou seja, sair da escola e ir para casa sem alguém que fale português
- Participante Sim o meu meio circundante depois de sair das aulas era ao ver a televisão e ver desenhos animados a falar português e eu a tentar perceber o que diziam até eu perceber. Foi muito difícil, mas considero uma grande vitória foi de ter conseguido aprender o português apesar de todas as barreiras.
- Atualmente, eu considero que falo um bom português apesar de não ser necessário, basta fazeres as pessoas perceberem as tuas ideias, não temos de falar como o Camões, basta teres uma boa comunicação, basta transmitires as tuas ideias de uma forma direta.
- Pesquisadora Exato, concordo perfeitamente com a sua afirmação, com todo esse percurso como avalia hoje o impacto dessa experiência na sua vida atual?
- Participante Como que eu avalio isso! e avalio que todo o processo, tudo que passei até aqui, o gozo, e toda a força que fui buscar através desse ponto negativo, toda a saudade que senti ao deixar uma pessoa querida em Cabo Verde todo o apoio dos meus pais, toda a caminhada tudo que fiz vejo para trás e digo que realmente valeu a pena e, fui feliz em toda esta caminhada.
- Pesquisadora Digamos então que foi necessário!
- Participante Sim, foi necessário pois isso que me tornou forte hoje e cada vez mais a treinar para estar mais forte para pôr de lado aspetos que não me fazem bem, pá foi necessário extremamente necessário porque tudo que acontece na nossa vida, apesar de certos acontecimentos serem desnecessários. Mas apesar de para mim ser tudo necessário, tudo fui buscar de uma forma negativa, mesmo as coisas negativas fui buscar e transformei em algo positivo, e vendo para trás a minha retrospectiva fui feliz de um modo geral, nunca padeci graças aos meus pais e a vários fatores e pronto é isso acho que foi necessário, acho que sou vitorioso.
- Pesquisadora Sim, uma pessoa forte como você mesmo diz, pois, superar as barreiras linguísticas e culturais foi uma missão, para hoje ser esse homem vitorioso.
- Participante Sim, sou uma pessoa com a cabeça estável, sentimento estável e principalmente conhecermos a nós mesmos, ainda não consegui, aprender a controlar os sentimentos, não deixar desencadear um sentimento perante a ação da outra pessoa.
- Pesquisadora Para terminar gostaria de lhe perguntar que conselhos daria as crianças que estão na mesma situação que você esteve?
- Participante Pá, conselho é para os pais das crianças que nascem cá, para que os seus filhos evitem fazer as outras crianças se sentirem mal porque já é mau sair de onde nasceste e criaste para vir buscar melhores condições já é mau isso pior ainda é quando chegas aqui e toda gente fica a fazer

chacota de ti. Isso é a pior sensação! Ser gozado ou não, te cumprimentarem ou não isso não depende de nós. O que depende de ti é o teu foco no que vieste cá fazer, se vieste estudar foca-te nos estudos e lá tenta aprender a língua mais rápido possível e para não se associarem com pessoas que não lhes quer bem.

Quando vim para Portugal, tinha dois ou três amigos que gostavam de mim e é com eles que fiquei, mas também tinha mais de 50 que puxavam por mim, mas era só para gozar comigo, portanto, epá, tem de ser forte principalmente para não existir o caso das crianças entrarem em depressão em relação a isso! Algumas rejeitam ir à escola.

Pesquisadora Quer partilhar mais alguma lembrança?

Participante Não, é tudo!

Pesquisadora Então agradeço pelo seu contributo e claramente que você é um homem forte, coragem.

participante Obrigada, eu, por este convite.

### Apêndice III tabela para análise de dados

História de vida ou <i>Storytelling</i>			
Temas	Categorias	Subcategorias	Objetivos
Apresentação			Agradecer a colaboração e permitir que o participante conte a sua história na língua mais confortável para si.
Preservação da língua materna	Língua	Materna	<ul style="list-style-type: none"> <li>♦ Compreender de que forma o uso da língua materna, em contexto extraescola, no país de destino, dificulta a aprendizagem da língua não materna;</li> <li>♦ Perceber a importância do domínio da língua não materna para a integração em contexto escolar.</li> </ul>
Impacto da cultura na identidade	Cultura	Memórias	<ul style="list-style-type: none"> <li>♦ Contextualizar as emoções, associadas a memórias pré-migração, e de que forma constituíram fatores protetores ou de risco, no processo de integração ao país de destino;</li> <li>♦ Compreender a experiência do indivíduo e os elementos mais marcantes que permanecem na sua memória;</li> </ul>
		Integração	<ul style="list-style-type: none"> <li>♦ Perceber a educação multicultural e a importância da interculturalidade;</li> <li>♦ Identificar de que forma as diferenças culturais entre Cabo Verde e Portugal influenciam nas interações sociais e a compreensão do ambiente escolar.</li> </ul>
Desafios culturais	Adaptação	Imigração	♦ Averiguar se as condições de vida no país de destino interferiram na integração.
		Condições de vida	
Diversidade e inclusão na escola	Escola	1º ciclo	<ul style="list-style-type: none"> <li>♦ Identificar comportamentos dos alunos, e dos professores, que facilitaram a integração no contexto escolar;</li> <li>♦ Conhecer a opinião do participante sobre atitudes e comportamentos de outros que podem contribuir para a integração de alunos migrantes.</li> </ul>
		Pré-escolar	
Efeitos psicológicos da migração	Identidade	Aceitação cultural	<ul style="list-style-type: none"> <li>♦ Compreender o papel das vivências da cultura de origem na manutenção de emoções positivas;</li> <li>♦ Identificar fatores protetores e fatores de risco, na percepção de um participante oriundo de Cabo Verde.</li> </ul>
		Emoções	

**História de vida ou *Storytelling***

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Respostas</b>
<p><b><u>Língua</u></b></p> <p>Vamos explorar a Língua, para tentarmos compreender as dinâmicas linguísticas dentro do contexto analisado.</p>	<p><b><u>Materna</u></b></p> <p>Ira ser analisado a importância e as influências da língua materna nas experiências individuais e sociais.</p>	<p>"Quando falo crioulo, penso uma única vez, só não preciso de pensar duas vezes."</p> <p>"Aí, despertou-me curiosidade e perguntei: que língua é essa? Deve ser porque ela é bebé."</p> <p>"Mal eu saísse da escola, já não tinha nenhum contacto com o português ou com aprendizado de cultura geral, é só crioulo."</p> <p>"Até a data de hoje, não falam comigo português. A minha mãe, até hoje, não fala português, mas pronto."</p> <p>"O meu pai está aqui desde os seus 16 anos e fala o português fluentemente, mas nunca trocamos uma palavra em português."</p>
	<p><b><u>Não materna</u></b></p> <p>Iremos destacar algumas dinâmicas de aprendizagem e o uso de uma língua segunda. Como que a aquisição de uma nova língua</p>	<p>Iremos destacar algumas dinâmicas de aprendizagem e o uso de uma língua segunda. Como que a aquisição de uma nova língua</p> <p>Iremos destacar algumas dinâmicas de aprendizagem e o uso de uma língua segunda. Como que a aquisição de uma nova língua</p>

	interfere na comunicação, relações e na integração cultural.	<p>"Quando vou para casa, ninguém fala comigo português."</p> <p>"Só eu e a televisão, que oiço o que dizem, então tento perceber porque o crioulo é um pouco parecido com o português."</p> <p>"Sim, porque pensava para comigo mesmo, 'Quando chegar a casa, não tenho ninguém que me ajude a falar português', nem no bairro, nem primos, nem nenhum familiar."</p> <p>"A não ser que tenhamos uma pessoa ao lado que não perceba crioulo, aí já comunicamos em português, que é para a pessoa conseguir perceber aquilo que falamos!"</p> <p>"Quando estamos só nós dois ou no meio de cabo-verdianos, só falamos crioulo, mas o meu pai fala português com os meus dois irmãos mais novos que nasceram cá em Portugal, não se comunicam em crioulo apesar dos meus irmãos perceberem crioulo."</p> <p>"O meu maior desafio foi a língua."</p> <p>"Muito difícil, mas considero uma grande vitória ter conseguido aprender o português, apesar de todas as barreiras."</p>
<p><b><u>Cultura</u></b></p> <p>Iremos destacar algumas dinâmicas de aprendizagem e o uso de uma língua segunda.</p>	<p><b><u>Memórias</u></b></p> <p>Perceber como que as lembranças constituem para o desenvolvimento da identidade.</p> <p><b><u>Integração</u></b></p> <p>Aborda como que o processo de</p>	<p>"As minhas recordações são todas em crioulo, assim é melhor e não tem transformações."</p> <p>"Cheguei aqui, foi tudo muito estranho. "</p> <p>"Primeira vez que fomos jogar a bola, e eu não tinha nem chuteiras nem sapatos adequados para jogar a bola. A primeira vez foi jogar a bola com botas, eu e o meu irmão, e isso até hoje ainda gozam connosco, gozam connosco pelo facto de termos ido jogar a bola com botas."</p>

<p>Como que a aquisição de uma nova língua interfere na comunicação, relações e na integração cultural.</p>	<p>participação e incorporação numa nova <b><u>cultura.</u></b></p>	
<p><b><u>Adaptação</u></b></p>	<p><b><u>Imigração</u></b> Aqui explora-se as experiências e os desafios no processo de mudança de um país para o outro.</p>	<p>"Sim, porque pensava para comigo mesmo: quando chegar a casa, não tenho ninguém que me ajude a falar português, nem no bairro, nem primos, nem nenhum familiar."</p> <p>"A não ser que tenhamos uma pessoa ao lado que não perceba crioulo, aí já comunicamos em português, que é para a pessoa conseguir perceber aquilo que falamos!"</p> <p>"Quando estamos só nos dois ou no meio de cabo-verdianos, só falamos crioulo, mas o meu pai fala português com os meus dois irmãos mais novos que nasceram cá em Portugal; não se comunicam em crioulo, apesar dos meus irmãos perceberem crioulo."</p> <p>"O meu maior desafio foi a língua."</p> <p>"Muito difícil, mas considero uma grande vitória ter conseguido aprender o português, apesar de todas as barreiras."</p> <p>"Atualmente, eu considero que falo um bom português, apesar de não ser necessário. Basta fazeres as pessoas perceberem as tuas ideias. Não temos que falar como o Camões, basta teres uma boa comunicação, basta transmitires as</p>

		tuas ideias de uma forma direta."
	<p><b><u>Condições de vida</u></b></p> <p>Explora-se as condições de vida a um nível económico, efetivo e material devido a imigração. Como que as condições de vida interferem na adaptação.</p>	<p>Explora-se as condições de vida a um nível económico, efetivo e material devido a imigração. Como que as condições de vida interferem na adaptação.</p> <p>"Então, as crianças que nasciam aqui faziam troça de nós devido à nossa maneira de falar, à nossa forma de vestir e à nossa maneira de agir."</p> <p>"Passei um bocado até conseguir conquistar a amizade deles; foi um pouco duro."</p> <p>"Que nós morávamos em casas que eram todas coladas umas nas outras."</p> <p>"Então, fiquei em casa com os meus primos da minha idade; éramos uns três ou quatro crianças."</p> <p>"Isso foi mesmo uma boa adaptação daqui de Portugal."</p> <p>"Comecei a ler mais, que comecei a ter mais perceção das coisas, comecei a entender o valor de ser africano."</p> <p>"Quando vim para Portugal, ou seja, ainda desvalorizam o facto de seres africano!"</p> <p>"Isso já não me incomoda se disserem que os africanos são inferiores, porque já sei a real história e como que tudo é."</p> <p>"O meu meio circundante, depois de sair das aulas, era ao ver a televisão e ver desenhos animados a falar português, e eu a tentar perceber o que diziam até eu perceber."</p> <p>"Quando vim para Portugal, tinha dois ou três amigos que gostavam de mim, e é com eles que fiquei, mas também tinha mais de 50 que puxavam por mim, mas era só para gozar comigo."</p> <p>"Por vezes, não!" (Adultos responsáveis pelas crianças no bairro)</p>

<p><b><u>Escola</u></b></p>	<p><b><u>1º ciclo</u></b></p> <p>Ira ser destacado algumas experiências educacionais nos primeiros não do ensino primário, como que esses anos pesaram na adaptação, aprendizagem e nas relações sociais.</p>	<p>"Depois na escola, mas era português só dentro da sala de aula; fora da sala é só crioulo porque nós éramos maioritariamente só alunos cabo-verdianos."</p> <p>"90% do meu tempo falava crioulo, os outros 5%, que nem sei exatamente se chega a ser 5%, na sala de aula, eu ficava só calado."</p> <p>"Qualquer coisa que eu falasse era motivo de gozo da parte dos meus colegas."</p> <p>"Os primeiros professores não interferiam em nada, deixavam para lá. Prosseguiam com a aula: quem aprender, aprende; quem não aprender, que aprendesse, pronto."</p> <p>"Não sei se na altura era permitido reprovar os alunos ou não; eu passei com todas as dificuldades."</p> <p>"As dificuldades permaneceram no 2º ano."</p> <p>"Lá para a terceira classe, comecei a soltar mais, que comecei a libertar."</p> <p>"Todos os meus colegas portavam-se mal na sala de aula, mas eu não, porque para mim dentro da sala era religioso; no recreio, podia portar-me mal, mas dentro da sala não. Eu dedicava mais tempo aos estudos e a maioria dos professores gostavam de mim."</p> <p>"Todos os meus colegas portavam-se mal na sala de aula, mas eu não, porque para mim dentro da sala era religioso; no recreio, podia portar-me mal, mas dentro da sala não."</p> <p>"Então, comecei a portar-me mal, e a professora disse: 'Não, tu não, tu não podes! Tu não podes portar-te como eles portam!'"</p>
	<p><b><u>Pré-escolar</u></b></p> <p>Ira ser explorado algumas experiências e</p>	<p>"Não cheguei a andar no pré-escolar, nem aqui nem em Cabo Verde."</p> <p>"Eu e o meu irmão, que é mais velho do que eu três anos, viemos de Cabo Verde." "Ele ia ao pré-escolar, mas eu ficava em casa com a minha avó."</p> <p>"Quando vim de Cabo Verde para Portugal, como cheguei aqui com 5 anos, os meus pais optaram por eu não frequentar</p>

	<p>desafios associados á educação pré-escolar.</p>	<p>o pré-escolar."</p> <p>"E também naquele tempo não tinha muitos pré-escolares, ou era para pagar, ou não sei."</p> <p>"Não fui à ama nem ao pré-escolar; os meus pais aguardaram e entrei logo para a primeira classe.</p>
<p><b>Identidade</b></p>	<p><b><u>Aceitação cultural</u></b></p> <p>Esta subcategoria explora os processos de aceitação dentro de uma comunidade cultural, que influencia a autoestima e a identidade de cada um.</p>	<p>"Eu, em determinado período da minha vida na adolescência, não queria ser africano, não queria ser preto porque aqui em Portugal é mau ser isso."</p> <p>"Eu, no auge dos meus 35 anos, ainda não me consegui identificar com a cultura europeia, com a cultura portuguesa, porque eu me sinto cabo-verdiano."</p> <p>"Não, isto não está correto. Por que sou preto, mas não quero ser preto? Sou africano, por que quero ser europeu se eu não sou europeu?"</p> <p>"Isso, durante uns quatro, cinco anos, deixou-me muito confuso; vivi mesmo confuso em relação à minha identidade."</p> <p>"Acredito que pessoas mais velhas do que eu, que vieram de Cabo Verde ou que nasceram cá, ainda não descobriram a sua identidade; ainda estão nesse conflito interno."</p> <p>"Mas eu já resolvi, eu sou africano e vivo aqui normal, mas esse conflito já não tenho mais; 99% das pessoas ainda vive com esse conflito."</p> <p>"Maior desafio até agora é o provar! Tens que estar constantemente a provar para as pessoas que tu és um bom africano, porque os africanos são todos maus na conceção dos europeus!"</p> <p>"Uma pessoa tem que estar constantemente a vida inteira, o dia inteiro, a provar que és bom, que és diferente dos demais, diferente daquilo que eles pensam."</p> <p>"Tens que pensar quase como eles querem, tens que te vestir como eles querem, tens que cortar o cabelo como eles querem, tens que ter a aparência que eles querem para provares que és um bom africano, que não és bandido, não és</p>

		<p>assassino, e é essa a principal luta."</p> <p>"Após ter superado o obstáculo da língua, foi esse provar o meu segundo obstáculo, mas agora as coisas estão melhores porque já existe a aceitação."</p> <p>"Teve uns tempos que estive sem trabalho e passei a não por fotos no currículo porque descartavam de imediato pela minha cor de pele."</p> <p>"Sou uma pessoa com a cabeça estável, sentimento estável e, principalmente, conhecermos a nós mesmos ainda não consegui; aprender a controlar os sentimentos, não deixar desencadear um sentimento perante a ação da outra pessoa."</p>
	<p><b><u>Emoções</u></b></p> <p>Vai ser investigado as respostas emocionais devido às experiências de adaptação e integração. (o impacto que a emoção tem no reconhecimento da identidade e as respostas</p>	<p>Nesta subcategoria ira ser investigado as respostas emocionais devido às experiências de adaptação e integração. (o impacto que a emoção tem no reconhecimento da identidade e as respostas culturais)</p> <p>"Chorar com saudades da minha avó que deixei em Cabo Verde, porque ela foi minha responsável."</p> <p>"Para superar essa separação, depois de passado um ano ou dois, a minha mãe teve que levar-me para Cabo Verde para ver a minha avó."</p> <p>"Éramos todos família, a minha mãe, os irmãos da minha mãe, o meu pai."</p> <p>"O sentimento de inferioridade, até porque como ele disse 'vinham poucas crianças de CV', por isso nem tinham hipótese de se apoiar (sentimento de inferioridade por não ter em quem se apoiar, como tal referiu vinham poucas crianças de Cabo Verde nessa altura)."</p> <p>"Aqueles crianças que nascem aqui acham-se superiores às crianças que vêm de Cabo Verde porque aqui têm mais condições. Isso entrou sempre na minha cabeça, e eu sempre fiz questão de estudar, estudar, estudar."</p> <p>"Lá para o meu 5º/6º ano, já me sentia um pouco mais inteligente do que aquelas pessoas que gozavam comigo."</p> <p>"Mal eu saía da escola, voltava a navegar na minha cultura como se estivéssemos em Cabo Verde, porque é tudo comunidade cabo-verdiana, não tem mais nada para além daquilo."</p>

	culturais)	<p>"É algo que deveria ser reverso; ele podia falar português comigo e crioulo com os meus irmãos que nasceram cá em Portugal."</p> <p>"Se fores africano, és inferior. Dei conta que, para além de te porem sempre à prova, dei conta que tenho que ser duas a três vezes melhor para ser aprovado, sempre melhor."</p> <p>"Nunca relaxas para dizer 'sinto-me seguro aqui', não tens que estar sempre sob pressão. <b>(integração.)</b>"</p> <p>"Toda a caminhada, tudo que fiz, vejo para trás e digo que realmente valeu a pena e fui feliz em toda esta caminhada."</p> <p>"Sim, foi necessário, pois isso que me tornou forte hoje e cada vez mais a treinar para estar mais forte para pôr de lado aspetos que não me fazem bem."</p> <p>"Mesmo as coisas negativas, fui buscar e transformei em algo positivo, geral, nunca padeci graças aos meus pais e a vários fatores e pronto é isso acho que foi necessário, acho que sou vitorioso."</p> <p>"Quando chegas aqui e toda a gente fica a fazer chacota de ti. Isso é a pior sensação!"</p> <p>"Tenho que aprender de mim para mim e com a televisão, ler para ir fazendo uns exercícios para que eu possa tirar os pés desta armadura, caso contrário, eu não evoluía."</p> <p>"Eu dedicava mais tempo aos estudos e a maioria dos professores gostava de mim."</p> <p>"Foi no sexto ano, eu e os meus colegas tínhamos ficado mais próximos, e daí não gozarem comigo, mas gozávamos com as pessoas vindas de Cabo Verde nesse ano."</p> <p>"Toda a saudade que senti ao deixar uma pessoa querida em Cabo Verde, todo o apoio dos meus pais, eu sozinho tento que é para poder esquivar-me dos gozos que acontecem frequentemente na escola."</p> <p>"Por vezes, tinha algo a falar na sala de aula, as perguntas estavam certas, e eu não dizia porque gozavam-me."</p> <p>"Tinha um amigo que nunca me gozava, e ele acolheu-me."</p> <p>"Por ser meio gordo e gozavam com ele tanto como gozavam comigo, então nós unimos e isso que me deu mais força."</p>
--	------------	--

